

family talks

EDIÇÃO 01

Dezembro de 2024

0000001234567890000000000000



ENTREVISTA

James Heckman ao jornal suíço NZZ: "O declínio da família está na origem de vários problemas sociais"

PARENTALIDADE

- Por que preparar-se para ser pai ou mãe?

- As evidências das políticas públicas pelo fortalecimento da família.

E MAIS...

- "Você não se sente sozinha fora das redes?": uma reflexão sobre a amizade na era digital.

- Pesquisa: Por que os americanos têm cada vez menos filhos (e o que isso tem a ensinar ao Brasil)?



A warm, red-toned photograph of a family gathering at night. In the center, a man stands by a large, round, black metal fire pit, holding a plate of food. To his left, a woman and two children are seated at a small table. In the background, another woman and child are seated at a table. The scene is illuminated by string lights hanging from the ceiling and a fire burning in the pit. The overall atmosphere is cozy and intimate.

family talks.

family talks.

EDIÇÃO 01

Dezembro de 2024

ÍNDICE

Apresentação (Gilberto Jabur, presidente do Family Talks).....	06
Como surgiu a revista Family Talks (Maria Clara Vieira Rousseau, diretora de comunicação).....	07

MUNDO VIRTUAL09

As escolas devem banir os celulares? (Jacqueline Nesi, em After Babel).....	13
Até que enfim, ouvidos (Shetlli Caleffi).....	17
Você não se sente sozinha fora das redes sociais? (Freya India, em After Babel).....	20

PARENTALIDADE28

É preciso preparar-se para a paternidade. (Mariana Lima).....	31
Fortalecimento da família e melhoria das práticas parentais como política pública? (Marcelo Couto Dias).....	34

DEMOGRAFIA E CUIDADO COM IDOSOS36

Cada vez menos pessoas querem ter filhos. O que os americanos acham disso? (Pew Research Center).....	39
Desafios do envelhecimento populacional brasileiro (Cimar Aparício).....	44
O “inverno demográfico” e seus desafios econômicos (Ricardo da Silva Carvalho).....	46

A FAMÍLIA PELO MUNDO48

Entrevista James Heckman: “O declínio da família é a origem de muitos problemas sociais” (Albert Steck, do jornal NZZ).....	50
Poema Enjoadinho (Vinícius de Moraes).....	53

CONQUISTAS DO FAMILY TALKS EM 202454

Opinião Pública.....	56
----------------------	----

family talks 

Caro leitor:

É com grande entusiasmo que te apresentamos a primeira edição da Revista Family Talks, contando a você um pouco da nossa história e do nosso empenho de olhos postos no fortalecimento dos vínculos familiares desde 1978, quando surgiu a ADEF - Associação de Desenvolvimento da Família. De lá para cá nosso único propósito é cuidar de quem cuida. E o melhor lugar para se cuidar de pessoas é a família. É com esse propósito, de ajudar as famílias, que surgiu Family Talks, um programa de advocacy, que quer fazer e já está fazendo bastante pelas famílias, mas poder fazer muito mais.

Não há família perfeita nem método infalível para fortalecermos a família, mas é possível, sim, com seriedade e honestidade intelectual, conhecer o problema e propor soluções. Esse é o nosso permanente desafio. Aprofundamo-nos no estudo das causas da crise familiar com o apoio de instituições e pesquisadores de renome, formando uma autêntica rede de pesquisas. Passamos a atuar junto à opinião e aos poderes públicos. Três eixos nos quais buscamos as melhores soluções à crise da família.

E tudo isso sem nenhuma finalidade lucrativa, partidária ou confessional. Miramos o bem da família. Nada mais, nada menos.

A revista que ora apresentamos, sob a condução da nossa diretora de comunicação Maria Clara Vieira Rousseau, traz temas atuais e preocupantes, instiga reflexões importantes, mas também aponta soluções viáveis, porque da família não se pode abdicar jamais. Não é à toa que a família é a única entidade que recebeu “especial proteção” da Constituição Federal.

O cuidado com a família é o que nos move e sua responsabilidade é de todos, das famílias, como núcleo essencial da sociedade; das empresas, como fonte de segurança para as famílias; e do estado, que deve apoiar as famílias para o bem de todos.

É para isso que canalizamos nossos esforços, promovendo e fortalecendo a entidade familiar. Temos a certeza de que vínculos familiares sólidos farão toda a diferença no desenvolvimento e bem-estar coletivos. Famílias fortes produzem sociedades fortes.

Ajudar individualmente as famílias não é suficiente para mudar a realidade. Precisamos mobilizar a todos: famílias, sociedade e estado.



Se você quer conhecer mais e entender melhor como agimos na defesa de direitos e na ação direta com as famílias, reserve uns minutos para percorrer nossas páginas (www.familytalks.org). E não se esqueça de assinar nossa newsletter, para acompanhar ainda mais de perto o Family Talks em ação.

Boa experiência!

Gilberto Jabur

Como nasceu a revista Family Talks

Diz a sabedoria popular que “a família é a base da sociedade”. Mas, se perguntarmos aos brasileiros o que raios significa dizer que uma instituição tão trivial, tão corriqueira, tem a ver com, bem, toda a sociedade, haveremos de nos surpreender com o quão poucos sabem a resposta.

Não se trata, necessariamente, de uma má notícia: ainda que não saibam colocá-la em palavras, eis uma verdade encarnada por pais, mães, avós, tios, primos, filhos, netos e agregados, da Amazônia aos pampas. Menos consoladora é a constatação de que mais raros são líderes, empresários e, sobretudo, políticos, capazes

de fundamentar a importância da família sem recorrer a jargões ideológicos que, na prática, acabam por minar a construção de consensos.

Antes de ingressar no Family Talks, também eu pensava saber explicar bem o porquê de “a família ser a base da sociedade”. Sabia dar longas explicações filosóficas e sociológicas sobre como um ambiente familiar saudável nos prepara como nenhum outro para a vida em comum, para a coletividade, tanto quanto nos faz cientes de nossa irrevogável individualidade. Muito bonito, jornalista, agora desmonta a pose. :)

Foi entre meus colegas de trabalho que ouvi, enfim, o que hoje tomo pela justificativa mais óbvia, mais simples - e, ainda assim, suficientemente profunda - para a importância da família: famílias cuidam de pessoas. Sim, claro, nem todas o fazem bem e, em partes, é precisamente este o problema que buscamos solucionar. Mas, se olharmos a fundo para as mais mordazes críticas à instituição familiar, veremos que boa parte delas parte precisamente do pressuposto de que... seria melhor que as famílias estivessem bem. Bebês, afinal, não são amamentados por empresas. Birras e choros inconsoláveis não são estancados pelo braço forte do Estado, e nem a mais poderosa das máquinas é capaz de bem assistir um idoso que contempla o fim da vida. Precisamos de empresas, de máquinas, de bons governos... para que possamos nós mesmos cumprir nossa missão de cuidar.

Dentro do Family Talks, nós falamos disso o tempo todo. Temos o hábito de compartilhar reportagens, artigos, pesquisas e análises que circulam por aí e que tangenciam temas que tanto nos movem: como cuidar melhor das crianças e adolescentes que crescem em meio às onipresentes curtidas? Como garantir que pais e mães tenham mais tempo e recursos para cuidar de seus bens mais preciosos? Como nos preparar para um futuro com mais idosos?

Por escassez de tempo e espaço - sobretudo no ambiente frenético das redes sociais - nem sempre conseguimos dividir com nosso público algumas das ideias que nos chegam, das mais inquietantes às mais inspiradoras. A revista Family Talks foi concebida como uma forma de compartilhar algumas delas, permitindo que nossos apoiadores, seguidores e curiosos tomem parte nas discussões com as quais nos envolvemos diariamente.



Optamos por dividir o conteúdo em três editorias.

Em Mundo Virtual, apresentamos um compilado de pesquisas demonstrando a eficácia de se banir os celulares das salas de aula, além de duas reflexões provocativas a respeito dos abusos aos quais nossas crianças e adolescentes estão suscetíveis na internet e sobre como as redes sociais estão minando o mais humano dos prazeres: a amizade.

Em Parentalidade, você lerá sobre a experiência de uma mãe no preparo para receber seus filhos, e sobre as evidências das políticas públicas de fortalecimento familiar.

Em Demografia e envelhecimento, uma reflexão sobre a longevidade e os resultados surpreendentes de uma pesquisa americana que pode lançar luzes sobre o nosso país.

Em A família pelo mundo, a tradução de uma entrevista concedida pelo economista James Heckman a um jornal sueco, na qual o vencedor do Prêmio Nobel defende a família como força motriz de uma nação próspera. Agradeço, de modo especial, à palestrante Sheylli Caleffi, à educadora parental Mariana Lima, ao secretário da Família, Cidadania e Segurança Alimentar de Osasco, Marcelo Couto Dias, ao demógrafo Cimar Aparício e ao economista Ricardo Carvalho, os primeiros convidados para assinar artigos inéditos nessa edição de estreia.

Não esperamos que você, leitor, concorde com todas as ideias contidas neste material nem com o próprio Family Talks

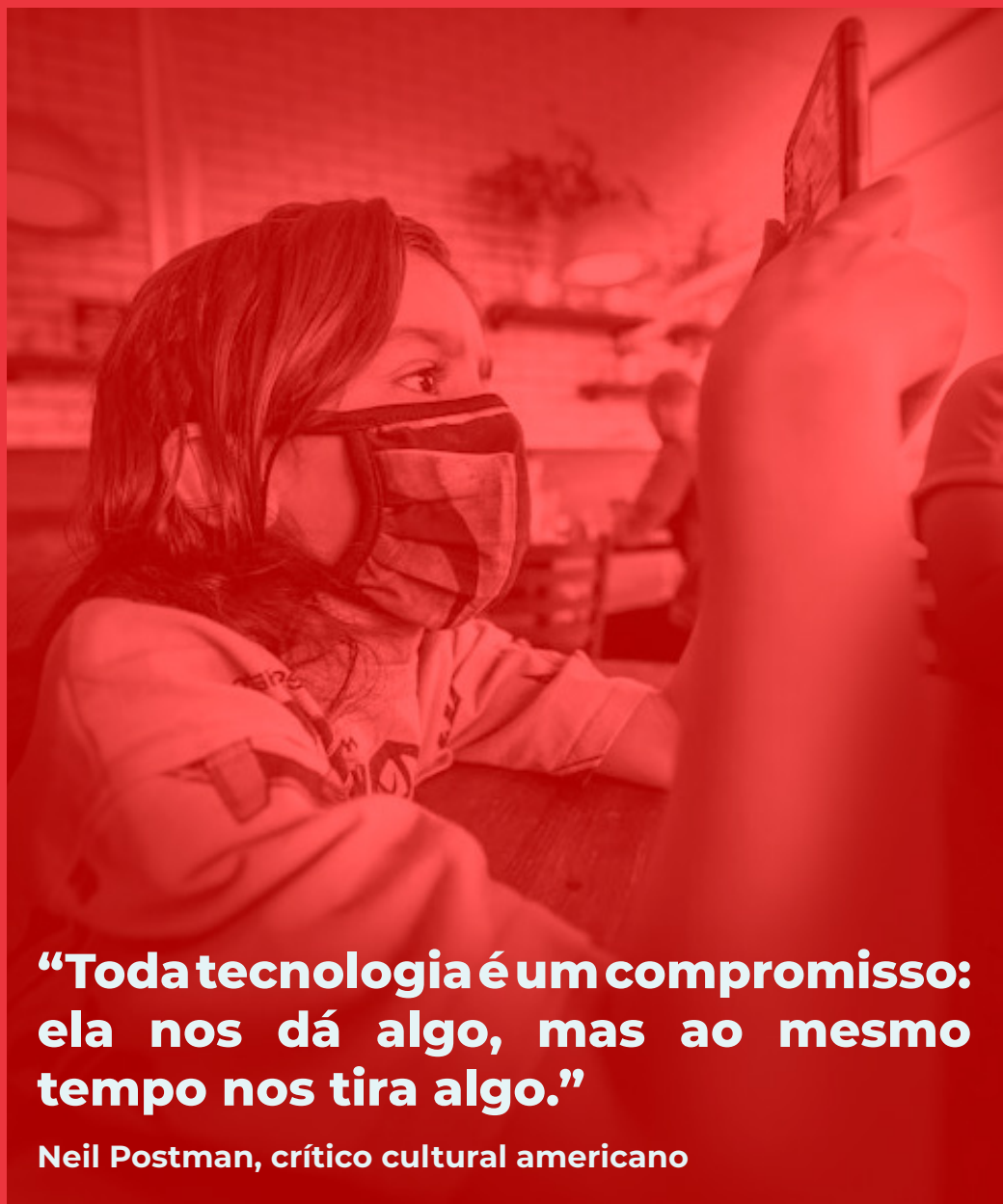
(só nós sabemos o quanto discordamos como equipe, rs), mas que os artigos aqui apresentados enriqueçam suas conversas, para que a luta pelas famílias assuma, enfim, as faces que sempre lhe foram próprias: amorosa, humana e efetivamente diversa.



Boa leitura!

Maria Clara Vieira Rousseau
Diretora de Comunicação do Family Talks

MUNDO VIRTUAL



“Toda tecnologia é um compromisso: ela nos dá algo, mas ao mesmo tempo nos tira algo.”

Neil Postman, crítico cultural americano

Brincadeiras ao ar livre entre irmãos, primos e vizinhos, atividades esportivas, acampamentos, festas e noites do pijama entre colegas de escola, memórias de aventuras, risadas - e, vá lá, algumas decepções e corações partidos... - construídas em grupo, face a face, longe das telas ou, no máximo, entre os ruídos da velha internet discada. A infância e adolescência como conhecemos não existem mais.

Não é novidade que o advento das redes sociais e dos smartphones revolucionou nossas rotinas, nem que as consequências dessa profunda transformação mal começaram a ser compreendidas. Costamos de manter contato com quem mora longe, de ter as notícias, a previsão do tempo e nossas lojas favoritas na palma da mão e de compartilhar as fotos mais bonitas da última viagem de férias. Ao mesmo tempo, estamos mais distraídos, mais afobados e exaustos de tantas notificações.

SE NÓS, ADULTOS, QUE CONHECEMOS O MUNDO PRÉ-INTERNET, JÁ ACHAMOS DIFÍCIL NOS DESVENCILHAR DE SEUS VÍCIOS, O QUE SERÁ DOS QUE CRESCERAM COM ELA?

A despeito das constantes novidades digitais, já há dados o suficiente para projetar o futuro. Infelizmente, ele não é nada auspicioso. Crianças e adolescentes estão mais ansiosos e depressivos do que nunca - mais até do que os adultos. Estão aprendendo menos. Quase não saem de casa e fazem poucos amigos. Envolvem-se com comportamentos de risco cada vez mais cedo: meninos tendem às drogas e à violência, meninas desenvolvem severos problemas de autoimagem.

Outrora restrito às revistas e fitas cassete, o consumo de conteúdo pornográfico se inicia por volta dos 12 anos de idade e está por toda parte, à distância de um clique. Suas consequências devastadoras vão da completa distorção do que se espera de um relacionamento saudável (dado que cerca de 80% destes vídeos contém imagens da mais pura e obscena violência, principalmente contra mulheres) à maior vulnerabilidade destes jovens a abusadores nada “virtuais”.

Pela vastidão de seus potenciais danos à infância e às próprias relações humanas, Family Talks entende que os problemas do chamado “mundo virtual” - mau uso das redes, consumo precoce de pornografia, entre outros - são grandes inimigos das famílias.

Por isso, trabalhamos por um Brasil onde pais e mães conheçam a fundo as consequências do uso excessivo de telas e possam auxiliar nossas crianças e adolescentes a ingressar na vida digital no momento certo, da forma mais segura possível. Trabalhamos por escolas onde professores, diretores, famílias e toda a comunidade escolar esteja envolvida com o aprendizado face a face.

Lutamos, enfim, por um país onde o acesso de menores de idade a conteúdos explícitos seja tido por um problema de ordem pública, a ser combatido através de medidas legais.

INFOGRAFIA

96%

das crianças brasileiras com acesso à internet entraram na rede todos os dias. A rede social favorita deste público é o Tik Tok.

No ano passado, pela primeira vez na história, os registros de **ansiedade entre crianças e jovens superaram os de adultos** no Brasil.

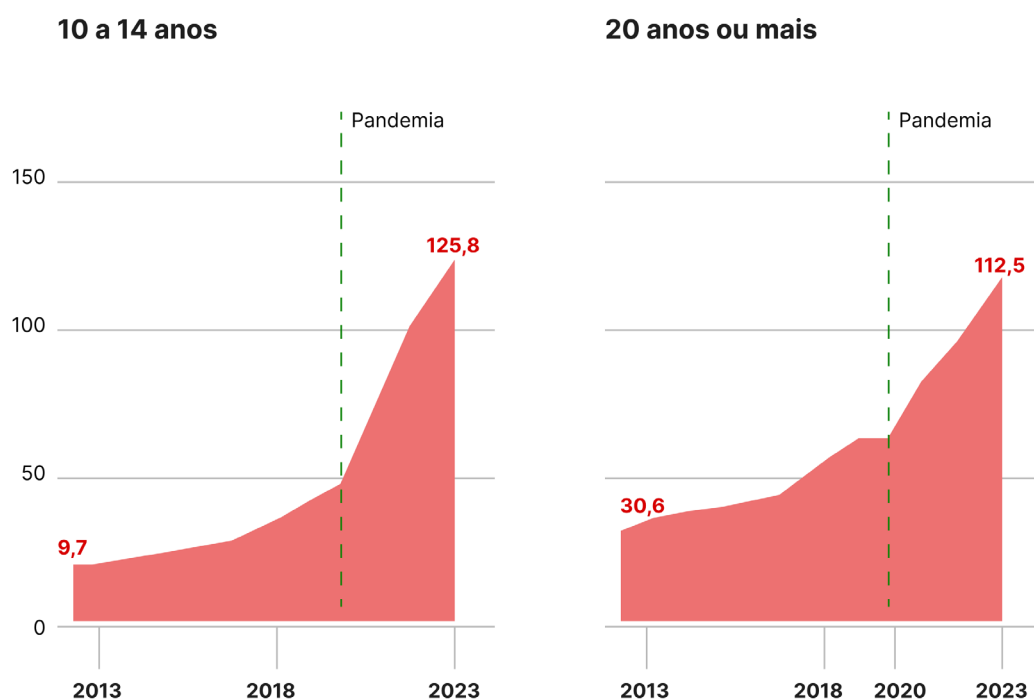
12
anos

Esta a média de idade em que os brasileiros começam a consumir pornografia. Alguns estudos apontam esta média aos 11 anos, com alguns respondentes tendo contato com material pornográfico aos 8.

PACIENTES ATENDIDOS PELO SUS, COM ANSIEDADE

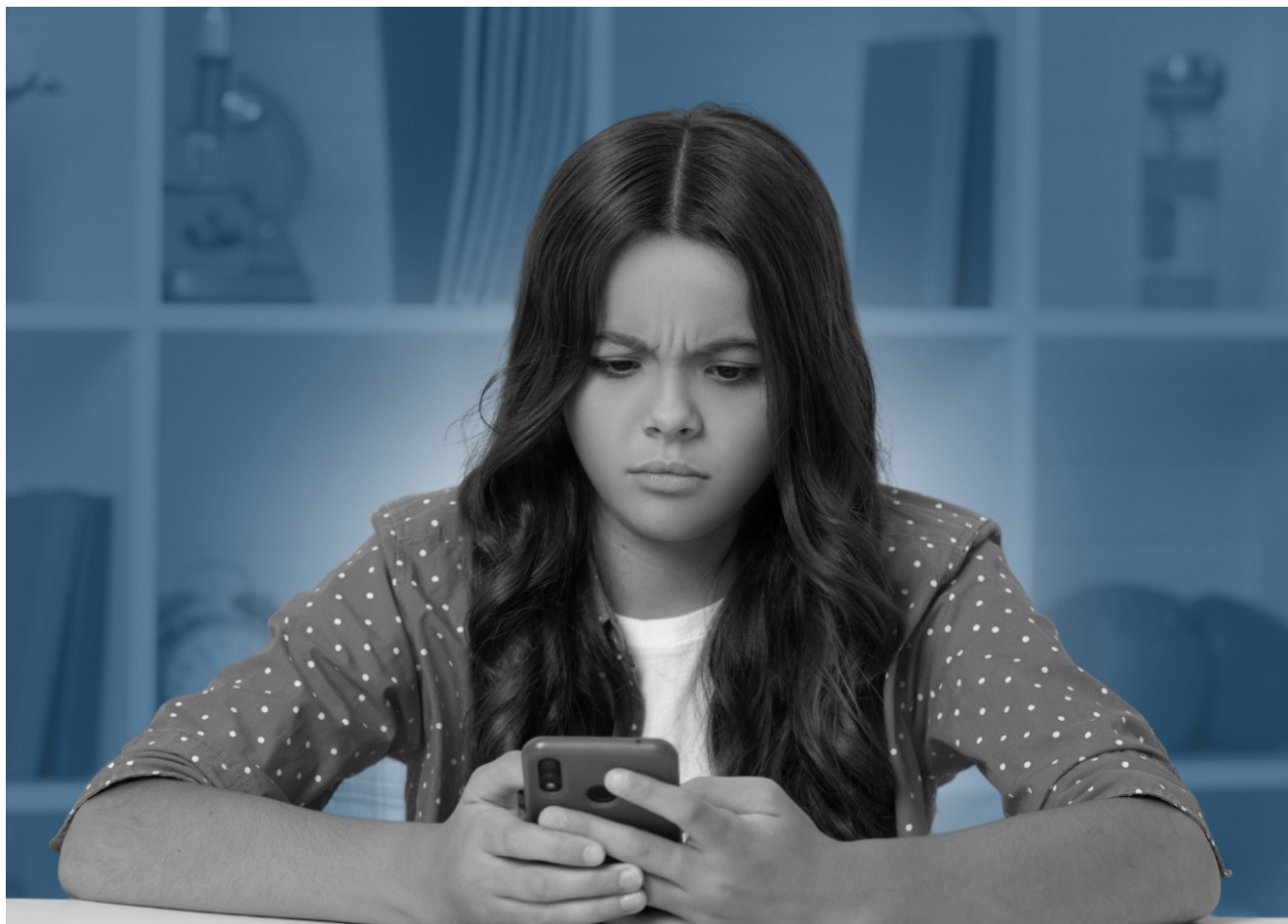
Taxa por 100 mil pessoas daquela faixa etária

■ Ansiedade



Fonte: Adaptado de Raps (Rede de Atenção psicossocial) via sistema de informações ambulatoriais SUS





As escolas devem banir os celulares?

Por Jacqueline Nesi, especial para After Babel*

Desde o surgimento dos smartphones, as escolas vêm enfrentando desafios para lidar com eles, mas o movimento para bani-los por completo das escolas ganhou força no último ano.

Essa é a realidade em quase todas as esferas: os estados estão aprovando ou defendendo leis de “banimento de celulares”.

Distritos inteiros, incluindo o Distrito Escolar Unificado de Los Angeles (o maior distrito escolar público dos Estados Unidos), estão implementando novas regras. E, claro, escolas também estão tentando decidir o que fazer de forma individual.

Embora grande parte da discussão esteja centrada no “banimentos dos celulares”, na verdade, há uma gama de políticas a serem consideradas.

Isso inclui desde exigir que os alunos deixem os celulares em casa ou nos armários, até proibir smartphones, mas não “celulares básicos”, ou permitir que os professores definam suas próprias regras para as salas de aula.

Por que as escolas querem “banir” os celulares?

Há alguns motivos para isso. O principal é a interferência na aprendizagem. Em uma pesquisa nacional representativa de 2023 com professores do ensino fundamental da rede pública, 33% disseram que a distração dos alunos

com celulares era um “grande problema” em suas salas de aula. Entre professores do ensino médio, esse número era de 72%. Entre os pais de alunos de fundamental, 49% temem que os celulares interfiram na aprendizagem dos alunos.

Outro motivo é social. Há uma preocupação de que o uso de celulares durante o dia escolar interfira nas interações sociais presenciais e crie mais oportunidades para o cyberbullying e “dramas” online. Entre os pais de alunos do fundamental, 57% estão preocupados com o cyberbullying.

O motivo final é a saúde mental dos alunos.

Diante do aumento da preocupação com a saúde mental dos jovens nos últimos anos, as escolas esperam que o banimento de celulares possa ajudar a reverter essa tendência.

As escolas têm outros objetivos com os banimentos de celulares, claro, mas esses são os principais: 1) melhorar o desempenho acadêmico (e as notas), 2) reduzir o cyberbullying, 3) aumentar as interações sociais presenciais e 4) melhorar a saúde mental.

Agora, a pergunta é: eles funcionam?

Vamos às pesquisas

Existem dois tipos de estudos relevantes aqui: (1) estudos que analisam os efeitos dos smartphones sobre resultados que importam (aprendizagem, socialização etc.), e (2) estudos que examinam diretamente o que acontece quando as escolas implementam novas políticas de celular. Vamos olhar para cada um deles.

Efeitos dos smartphones

Para resumir: smartphones são dispersivos. Eles podem nos distrair do que estamos fazendo no momento, seja o trabalho escolar ou uma conversa com a pessoa ao lado. Não precisamos de pesquisas para comprovar, mas, de todo modo, temos essas evidências.



Pesquisas indicam uma associação entre o maior uso de celulares e o menor desempenho educacional. Quando estudos comparam alunos com e sem celulares em ambientes de sala de aula, aqueles sem celulares geralmente tem:

- Melhor desempenho acadêmico
- Maior atenção ao conteúdo da aula
- Melhor memória para informações aprendidas
- Maior atenção plena e menos sensação de nervosismo durante a aula

Em um estudo, pesquisadores selecionaram aleatoriamente alguns estudantes universitários para desligarem seus celulares e deixá-los com a tela para baixo na mesa, enquanto outros deixaram os celulares fora da sala. A mera presença dos celulares (mesmo desligados e com a tela para baixo) resultou em um desempenho mais baixo em um teste de atenção.

Socialmente, há evidências de que os smartphones podem nos distrair durante interações presenciais, reduzindo a probabilidade de nos envolvermos de verdade durante elas e diminuindo seus benefícios. Isso significa, potencialmente, menos conexões sociais e pior humor. Quando um aluno usa o celular, isso também afeta outros alunos. Se um colega está ao celular, significa que não está disponível para conversar e isso também gera distração em meio ao aprendizado.

Por fim, em termos de saúde mental: para resumir, não temos evidências definitivas de que os smartphones são a única causa do aumento da preocupação com a saúde mental. Tampouco temos provas de que essa teoria está errada. Certamente, os smartphones são um dos fatores que podem influenciar a saúde mental dos adolescentes, mas há muitos outros fatores que provavelmente são igualmente (ou mais) importantes.

Efeitos das políticas contra os celulares

Então, o que sabemos sobre os efeitos das políticas implementadas pelas escolas? O que acontece quando os celulares são proibidos?

Aqui, temos alguns estudos que examinam os efeitos das mudanças de políticas contra celulares em escolas isoladas ou em distritos, abordando os resultados dos alunos. As evidências são um pouco variadas, mas geralmente apontam para efeitos positivos ao limitar o uso de celulares sobre o desempenho acadêmico (e talvez na redução do bullying).

Ao menos quatro estudos merecem destaque: Um estudo na Inglaterra analisou como as notas dos alunos mudaram após a instituição de banimentos de celu-

lares (definidos como escolas proibindo celulares no campus ou recolhendo-os no início do dia). Escolas com proibições de celulares viram pequenas, mas significativas, melhorias nas notas, com efeitos maiores para os alunos com desempenho mais baixo. Isso é importante, pois significa que os banimentos podem ser especialmente úteis para alunos com dificuldades acadêmicas.

Outros estudos examinaram o impacto da introdução de novas políticas de celular em nível regional (na Espanha) e em escolas (na Noruega), em escolas (na Noruega), mas vale notar que esses estudos não analisaram propriamente banimentos.

O estudo espanhol encontrou melhorias nas notas do PISA de alunos do ensino fundamental e taxas mais baixas de bullying em uma região (Galícia) após uma nova política que proibia celulares para “uso pessoal” (mas ainda permitia o uso acadêmico em sala de aula).

O estudo norueguês agrupou várias políticas de celular no ensino médio, desde o banimento total até apenas colocá-los no modo silencioso durante a aula. Descobriu-se que qualquer uma dessas políticas levou a pequenas melhorias no bullying e nas médias escolares — mas apenas para meninas, especialmente aquelas de origens socioeconômicas mais baixas. Houve pouca evidência de efeitos na saúde mental (medida por consultas com profissionais de saúde mental).

Na contramão, um estudo na Suécia descobriu que a introdução de banimentos de celulares em escolas não teve impacto no desempenho acadêmico dos alunos do nono ano. Os autores sugerem que isso pode ocorrer porque a Suécia tem uma longa tradição de integrar a tecnologia educacional na sala de aula, e as escolas já podem ter desenvolvido estratégias eficazes para gerenciar o uso de celulares (portanto, um banimento faria pouca diferença).

Limitar o uso de celulares faz sentido... Considerando as evidências, de forma geral, acredito que as escolas deveriam limitar o uso de celulares durante o dia escolar o máximo possível. Os celulares podem distrair do trabalho acadêmico e interromper interações sociais presenciais, e as evidências sugerem que limitar seu uso pode resultar em resultados positivos, especialmente para alunos com menor desempenho (embora esses efeitos sejam pequenos).

Claro, pode-se argumentar a favor do uso de celulares para estimular o engajamento acadêmico (por meio de aplicativos interativos ou ferramentas educacionais) e para facilitar a socialização (enviar mensagens para amigos para encontrá-los durante o almoço). Isso pode funcionar em um ambiente altamente controlado, e algumas escolas podem ter sucesso com essa abordagem. Mas, na minha opinião, essas possibilidades geralmente não superam as desvantagens — especialmente quando as escolas têm outros dispositivos (computadores, tablets) e outros sistemas para incentivar um clima social positivo.



...mas a forma como isso é feito importa.

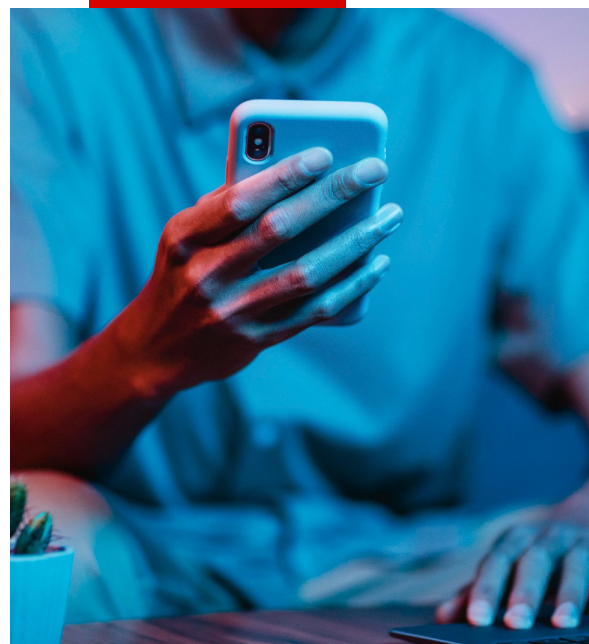
Agora, como traduzir essa limitação em políticas específicas? Isso já não é tão claro. Para mim, é uma questão de implementação. Os detalhes importam.

Uma escola que permite que os alunos usem os celulares durante o dia para fins específicos (ferramentas educacionais em sala de aula, checadas breves nos corredores) pode ter sucesso se a política for claramente aplicada, se

os professores se sentirem apoiados e se os alunos e pais estiverem de acordo.

Uma escola que bane os celulares totalmente durante o dia escolar (por escolha ou mandato estadual) pode enfrentar dificuldades se os professores precisarem gastar muito tempo e recursos tentando impor essa regra.

E, claro, há muitos casos entre um exemplo e outro.



Banir os celulares não vai resolver tudo.

Finalmente, vale lembrar que essas políticas não são uma bala de prata. Isso é especialmente verdadeiro em relação à saúde mental.

É absolutamente possível que limitar as distrações dos celulares e criar espaço para mais socialização presencial influencie positivamente os relacionamentos dos alunos, o desempenho acadêmico e até o humor, e que isso tenha impactos de longo prazo na saúde mental. Eu realmente espero que o faça. Mas muitos outros fatores escolares também estão relacionados à saúde mental — segurança escolar, acesso a

serviços psicológicos, sensação de pertencimento a uma comunidade e menos pressão por um desempenho (para citar apenas alguns).

Em suma: se queremos que os alunos conversem durante o intervalo ou prestem atenção durante as aulas, precisamos de políticas que garantam que os celulares não os distraiam nesses momentos. Mas, se depositarmos nossas esperanças de resolver a crise de saúde mental no banimento dos celulares, ficaremos desapontados.



Jacqueline Nesi é psicóloga e professora na Brown University.

After Babel é o Substack psicólogo social Jonathan Haidt, autor do best-seller “A geração ansiosa”. O texto original está disponível de forma gratuita e pode ser acessado neste link: <https://www.afterbabel.com/p/should-schools-ban-phones>



Até que enfim, ouvidos

O que você escolhe escutar? Quem escolhe seguir?
Que ideias você passa para frente?

*Sheylli Caleffi**

Há mais de 10 anos eu falo nas redes sobre violência sexual, e aguente firme, não pare de ler por isso. Talvez esse assunto não te interesse, ou te interesse só de forma tangencial. Você sabe que acontece, é ruim, gostaria que fosse diferente e ponto. Talvez te angustie por ter algo pessoal ou familiar com o tema. A questão é que, na média, 6 em cada 10 brasileiras podem ser estupradas durante a vida, e a maioria antes dos 13 anos. É mais da metade da população feminina (e não estou incluindo assédio e importunação sexual). Quando uma pessoa sofre esse tipo de violência muita gente é afetada: seus pais, suas companhias românticas, seus SE a vítima sobreviver - porque ela pode ser morta na agressão -, ela pode ter transtornos, vícios, distúrbios de humor e alimentares, insônia, pesadelos, raiva, depressão, ideações suicidas... a lista é longa.

Não existe nenhuma doença que atinja tantas pessoas. Já fiz essa pesquisa, nem as do coração, que estão no topo nacional, chegam no chinelo da violência sexual, que é fruto, no nosso caso, da cultura. Mas eu nem vou entrar nesse episódio agora porque a série tem Voltando...

Quando comecei a falar, ninguém queria ouvir. Por muitos motivos, e acredito que o principal deles seja negação mesmo. Reconhecer o tamanho dessa violência envolve admitir que ela está muito mais perto de mim e de minha família do que eu gostaria; que existem pessoas que destroem a vida de outras e que fazem isso com crianças. Ao admitir os fatos, é mandatório que uma angústia se instale, junto com a sensação de que algo precisa ser feito. Mas tudo isso é doloroso, então fica mais fácil desconfiar das vítimas, dizer que meninas de 12 anos sabem bem o que fazem e espalhar notícias falsas sobre violência, além de comparações esdrúxulas com outros crimes.



**Sheylli Caleffi é pesquisadora pela erradicação da violência sexual e online.
Perfil: @sheylli*

No mundo de perfeição das redes sociais é feio sentir angústia e medo. É feio ser vítima. Ninguém gosta de ser vítima, todos querem autonomia sobre suas vidas, porém, quando outra pessoa te violenta sexualmente, não há nada que você poderia ter feito. Ela, sim, a pessoa, precisa mudar. Ela precisa se envergonhar, ter medo.

Só que não é isso que tá rolando, né? Uma adolescente tem os nudes vazados e todos vão culpá-la por ter enviado as imagens. Meninos produzem fotos falsas de suas colegas de classe nuas e o problema é a Inteligência Artificial. Um garoto morre por suicídio após sofrer bullying relacionado à sua cor e sexualidade e a escola diz que os bolsistas têm dificuldade de adaptação. Alunos de medicina tiram a roupa no jogo de vôlei das colegas e, socorro, que raios atingem nossas cabeças para ignorarmos que tudo isso está relacionado?

Violência é violência e nós somos filhos dela, netos, amigos. Dormimos com ela, defendemos ela. A gente é violento e ou começamos a reconhecer, ou vai ser difícil sairmos disso.

Eu comecei a falar sobre a violência sexual porque fico irada, acho o fim do mundo estuprarmos pessoas, o ultimo estágio antes do assassinato. Estupro sempre foi arma de guerra e esse número mostra uma guerra contra as crianças e mulheres, mas também contra a nossa humanidade. Violentadas, perdemos muita coisa, somos transformadas - seja no ambiente presencial, seja no digital. Se não pudermos renascer de alguma forma, nossa alma, nossa força, já era! E mesmo as que conseguem têm sequelas, gatilhos. Violentar essa quantidade de pessoas é controle social pelo medo. Gerar vergonha, desconfiança, relacionar mulheres com promiscuidade a cada passo que dão, tudo isso é uma estratégia de guerra.

Redes sociais

E as redes sociais... Aaah, elas são o campo de batalha perfeito. Destroem a autoestima de meninas que aos 11 anos sonham com kits de beleza. Ensinam que tudo pode ser vendido, inclusive o corpo, e que o principal é o dinheiro, que TODOS devem almejar e ostentar. Ensinam aos meninos que mulheres são inferiores e os obrigam a se sexualizar superjovens, incentivando-os a consumir e gostar de pornografia.



Então eu fui percebendo que aviolência sexual é mais uma faceta da já conhecida violência e que se moderniza muito rápido com a ajuda de indústrias inteiras. Quanto mais a gente se odeia e quer corrigir nossa aparência, mais vulneráveis ficamos a ela. Ao nos submetermos sorrindo às agulhadas nos nossos corpos, ao acreditarmos que merecemos e até desejamos cirurgias e hematomas de "recuperação" enquanto corremos risco de saúde, mais perto a violência sexual chega.

Eu passo a entender que sentir dor (num procedimento ou numa relação) é normal, faz parte e é necessário para que eu seja aceita, naturalizando a dor. E aí quando a dor é provocada por outra pessoa, com esse mesmo discurso de "é assim mesmo que tem que ser" já estou mais disposta a aceitar isso como verdade...

Doutrinar todo mundo a aceitar TUDO e até a desejar TUDO é uma estratégia de guerra. Como a pornografia, que soa como um dado da realidade impossível de questionar e que constrói ideias e ideais muito violentos.

Eu não gosto de metáforas bélicas, usei essa emprestada por causa do estupro de guerra mesmo, em que os invasores estupram as mulheres para destruir suas almas, suas famílias, e para que os filhos que venham a nascer sejam "deles".

Que filho é esse que estamos topando gerar quando não questionamos as violências, por menores que pareçam? Que invasores são esses para os quais sorrimos expondo nossos filhos e nossa vida particular nas redes para que se deleitem?



Já que nos últimos 2 anos, através do trabalho de muitas pessoas e instituições, várias pessoas escolheram ouvir, me escutem agora. A cada vídeo que eu posto parece que não tem jeito e que só vai piorar, mas isso é UMA alternativa que os invasores fazem parecer ser a única. Chegou a hora de pegar essa realidade dura e cruel que temos e, a partir dela, sonhar um futuro mais ético e seguro para todos.

Ético, seguro e amoroso. Todo mundo que ama alguém sabe que isso é possível. Todos que convivem com crianças sabem. A gente não chegou assim e não precisa viver desse jeito. Eu tenho certeza de que você vai encontrar uma maneira mais ética, segura e amorosa de viver no presencial e no digital. Se não souber como, se junte a quem já está por aí.

Nós somos bem mais do que você imagina!

** Estudo recente divulgado por pesquisadores do IPEA indicou que apenas 8,5% dos estupros no Brasil são reportados às polícias e 4,2% pelos sistemas de informação da saúde. Assim, segundo a estimativa produzida pelos autores, o patamar de casos de estupro no Brasil é da ordem de 822 mil casos anuais (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2023).*

Segundo o IBGE 2022, o país tem uma população residente de 203.080.756 habitantes. Desse total, 104.548.325 (51,5%) são mulheres.

Uma mulher nascida no Brasil em 2022 tinha expectativa de viver, em média, até os 79 anos. Pensando juntos, se pegarmos os casos de estupro anuais e multiplicarmos pela expectativa de vida de uma brasileira, teremos em 79 anos 64.938.000 casos de estupro. Teríamos então 62,1% da população feminina violentada durante a vida, ou seja, 6,2 mulheres em cada 10 - considerando que os números dessa violência não mudem (spoiler: eles já aumentaram no Anuário de 2024).

VOCÊ NÃO SE SENTE SOZINHA FORA DAS REDES?



Não.
Na verdade, a amizade é mais uma das coisas que perde a graça quando vivida

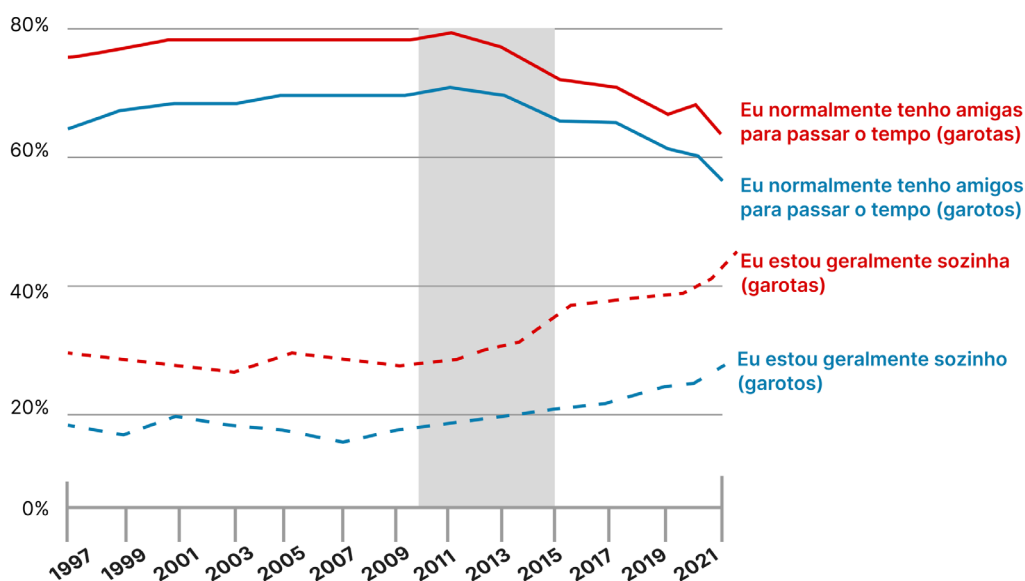
Freya India, especial para After Babel*

A pergunta mais comum que me fazem quando digo que não uso Instagram, Snapchat, Facebook ou TikTok é: você não se sente sozinha? Não se sente isolada? Como você mantém contato com as pessoas? De certa forma, essas perguntas são um tanto estranhas.

Acho estranho porque minha geração, a Geração Z, é a mais solitária de todas. No Reino Unido, pessoas entre 16 e 29 anos têm o dobro de chance de dizer que se sentem sozinhas “com frequência ou sempre” em comparação com pessoas com mais de 70 anos.

Mais de 30% dos jovens dizem que não sabem como fazer novos amigos e nunca se sentiram tão sós.

AUMENTO DA SOLIDÃO ENTRE ADOLESCENTES AMERICANOS



Além de ter menos amigos, os membros da Geração Z passam muito menos tempo reunidos pessoalmente do que as gerações anteriores. Adolescentes americanos se encontram com seus amigos muito menos do que nos anos 90.

TRÊS A CADA QUATRO CRIANÇAS NO REINO UNIDO PASSAM MENOS TEMPO AO AR LIVRE DO QUE OS PRESIDIÁRIOS DO PAÍS.

A questão, porém, vai além das estatísticas. Olhe ao redor: a solidão está em toda parte. A Geração Z está postando “vagas para amizade” no Facebook. Estamos refletindo nos fóruns do Reddit sobre por que nos sentimos tão sozinhos e por que as comunidades não existem mais. Nós “jantamos” com YouTubers. Fingimos fazer chamadas de vídeo

com influenciadores. Jogamos videogame sozinhos em nossos quartos ou assistimos a estranhos jogarem. Até mesmo o fato de a hashtag #saúdemental ter mais de 100 bilhões de visualizações no TikTok me parece menos um triunfo da conscientização sobre saúde mental e mais como um grito coletivo de solidão.

POR QUE NÃO ESTAMOS NOS ABRINDO UNS COM OS OUTROS, NA VIDA REAL? POR QUE ESTAMOS FALANDO DISSO PARA O TIK TOK?

Claro, há outras explicações para nossa solidão: o declínio dos espaços comunitários; o colapso das crenças em comum; as consequências da pandemia e de tudo o que surgiu com ela.

Mas recentemente eu estava assistindo a uma palestra do psicólogo Jon Haidt (autor do best-seller *A geração ansiosa*) em Londres e ele pediu aos membros da Geração X e dos Baby Boomers para se lembrarem de suas infâncias. Pediu que se lembrassem de todas as coisas que fizeram, todas as aventuras que tiveram, e depois imaginassem remover no mínimo 70% do tempo que passavam com amigos. Depois, que imaginassem remover os hobbies, depois o risco, as emoções e as aventuras em que poderiam ter se machucado — “imaginem 80% disso desaparecendo”. Por fim, pediu que imaginassem crescer com o que sobrou.

Confesso que me senti um pouco mal porque sequer precisava imaginar. Eu nunca saí escondido de casa. Eu não construí um forte ou um esconderijo na floresta. Não me lembro de brincar no parque ou de me aventurar na adolescência. E eu sei por quê. Eu voltava da escola e imediatamente abria o MSN. Eu mantinha meu Snapchat atualizado, sozinha no meu quarto. Quando minhas amigas vinham dormir na minha casa, tirávamos selfies para o Facebook; postávamos perguntas em plataformas de mensagens anônimas como o Ask.fm; falávamos com estranhos nus no Omegle. Às vezes, ficávamos só sentadas uma do lado da outra, rolando as telas.

Eis o que aconteceu: quando as plataformas de redes sociais baseadas em smartphones surgiram, no início dos anos 2010, elas não apenas sequestraram o tempo dedicado às amizades da vida real. Elas redefiniram a amizade para toda uma geração e esvaziaram seu significado. Removeram a necessidade de esforço, de lealdade, até mesmo de se encontrar pessoalmente, e a substituíram pela exigência de seguir de volta, trocar uma #curtida, e posar para uma selfies juntos. O Facebook tornou ser amigo tão fácil quanto clicar em um botão. O Snapchat reduziu manter contato ao envio uma sequência de vídeos. Eles pegaram a amizade adolescente— que costumava ser cheia de atritos, emoções e aventuras — e a transformaram em mais uma coisa sem graça de se fazer em uma tela. Mais um item comercial a ser performado, comercializado e publicamente mensurado.

Como Jonathan Haidt escreveu no capítulo 6 de “A geração ansiosa”:

“Quando, no início da década de 2010, tudo foi transferido para os smartphones, tanto meninos quanto meninas presenciaram um aumento gigantesco em seu número de laços sociais e no tempo exigido para atendê-los (em geral, ler e comentar as publicações de conhecidos ou manter dezenas de Snapstrakes com pessoas que não eram seus amigos mais próximos). Esse crescimento explosivo

E assim, muitos de nós não temos mais amigos; temos seguidores.

Nós não nos importamos profundamente com a vida dos outros; nós as consumimos como conteúdo. Não temos pessoas com quem possamos ser vulneráveis; temos pessoas que assistem aos nossos stories. É difícil dizer se temos lealdade ou apenas esperamos que os outros curtam nossas fotos de volta. Hoje em dia, conhecemos alguém novo e imediatamente trocamos redes sociais e acabamos nos comprometendo a deslizar e clicar pelas vidas uns dos outros, para sempre. Amigos são para manter as “sequências” no Snapchat. Amigos são para encaminhar memes que nossos algoritmos nos enviaram primeiro. Amigos são números. Às vezes parece que o único que ainda nos pergunta “o que você está pensando?” é o Facebook.

E agora? Agora essas empresas têm a audácia de nos vender seus substitutos. Claro, o Snapchat esvaziou a amizade. Mas, e daí? Agora o Snapchat AI está aqui, alguém para conversar todos os dias que age como um amigo de verdade. Ou podemos substituir o que perdemos com o Replika: “O chatbot para quem quer um amigo sem julgamentos, drama ou ansiedade social!” Enquanto isso, o Snapchat nos diz que o caminho de volta para a conexão significativa é “aumentar o número de amizades”. Não se preocupe, sabe aquelas amizades reais que essas empresas destruíram? Podemos comprar novas! Experimente este o novo aplicativo do Tinder para fazer amigos! Pague pelos recursos premium! Nosso novo melhor amigo está sempre a um clique de distância.

É claro que eu não estou dizendo que ninguém na Geração Z tem amigos de

Meu conselho para vocês é simples:

Esqueça aqueles que veem seus stories no Instagram mas nunca te perguntam como você está se sentindo.

Esqueça aqueles que te usam como um acessório para parecerem populares no Instagram, mas que não se esforçam para te visitar. E se for alguém não se lembraria de você se você excluísse sua conta do Snapchat — melhor assim.

Na verdade, meu conselho é:

Mantenha por perto quem tem menos interesse na sua vida online. Aqueles que levam sua persona digital menos a sério.

Eles querem o seu “eu” completo e sabem que um feed do Instagram não pode capturá-lo. Eles gostam da sua risada esquisita, não da risada falsa que você usa para o TikTok. Eles gostam das fotos espontâneas e bobas quando você esqueceu de performar por um momento, não das selfies encenadas que nem parecem com você. Melhor ainda — eles acham isso ridículo! Fique com essas pessoas! As que não têm medo de rir de você! Que te colocam no chão quando você se perde em tudo isso. Que não ligam para o que está nos seus stories, mas que iriam ao hospital se você os chamasse às três da manhã. Que não te mandam uma DM, mas que vão até sua casa quando algo acontece e te deixa para baixo. Amigos são aqueles que estarão lá quando a vida te puser de joelhos.

Eu tenho me esforçado para fazer isso. É difícil, e tenho momentos de solidão. Eu não posto mais selfies, portanto, as meninas da minha escola que deixavam emojis de olhinhos apaixonados nas minhas postagens há muito me esqueceram. Eu não posto atualizações pessoais, então pessoas que não vejo há anos não fingem se importar com minhas férias ou com quem estou namorando.

✓ Mas quando meus amigos me contatam agora, é porque eles se importam — não porque meus stories no Instagram os lembram de que eu existo. Eles se lembram do meu aniversário, não porque o Facebook lembrou, mas porque nunca esqueceram a data.

Então, eu sei quem vale a pena manter. Eu sei quem é de verdade e raro. Uma vez, disse a meus amigos a data em que faria uma cirurgia, e nenhum deles se lembrou porque eu não postei nada — exceto uma amiga, que ouviu quando falei o nome do hospital e me mandou um cartão feito à mão. Quando eu trabalhava em uma cafeteria, costumava esconder livros embaixo do balcão para ler entre um cliente e outro. Quando saí do emprego no ano passado, ninguém manteve contato — exceto uma amiga, que ainda me manda mensagens perguntando o que estou lendo. Nenhum dos meus colegas de apartamento da universidade fala mais comigo — exceto uma que me manda músicas da Blondie do nada, não porque eu listei Blondie como minha banda favorita no Facebook, mas porque eu tinha pôsteres da Debbie Harry no meu dormitório e ela nunca esqueceu. E quando nos encontramos, esses amigos não têm ideia do que ando fazendo, eu não vi seus stories no Instagram, não estivemos clicando pelas vidas uns dos outros só por falta do que fazer. Por causa disso, não ficamos em silêncio nos nossos celulares, tiramos selfies e vamos embora. Quando nos encontramos, temos tanto a dizer que não conseguimos parar para respirar. Por um momento, esquecemos de nos promover. Estamos tão conectados que não nos importamos em exibir isso para mais ninguém.

Então, não, eu não estou sozinha. Provavelmente tenho menos amigos que os outros. Provavelmente recebo menos notificações. Mas, de novo — pergunta engraçada. Às vezes eu mesma a faço. Para os jovens que estão nessas plataformas, e que me dizem que não poderiam deixá-las porque se sentiriam sozinhos: eu entendo. Você está certo, de certa forma. Você vai perder algumas pessoas.

Sua vida será mais quieta. Mas mais quieta com relação a quê? Mais quieta do que Haidt descreve como um mar de “amigos, seguidores e conhecidos passageiros, não confiáveis e oportunistas.” Mais quieta de um monte de barulho e notificações.

Foi nesse silêncio que me dei conta: às vezes, a melhor coisa que você pode fazer para se reconectar é desconectar. A melhor coisa que você pode fazer contra a solidão é fazer logout. E a única maneira de forjar amizades profundas é arriscar perder algumas superficiais primeiro.

Além disso, um movimento começou. A rebelião jovem está crescendo. Se você for corajoso o suficiente para deixar parte disso para trás, posso prometer uma coisa: você não estará sozinho.



PARENTALIDADE



“Eu só quero dizer que se a gente esforçar pra ser pai e mãe com decência, parar de pensar na gente, pra incomodar mais com este que nós pusemos no mundo, eles vão dar conta de sofrer sem perder a esperança.”

- Adélia Prado, poetisa brasileira.

Diante de um berreiro no corredor do shopping ou da afronta a uma ordem explícita, pais e mães à moda antiga dirão – a maioria com a melhor das intenções – que castigos físicos têm seu valor pedagógico. Do mesmo modo, guardadas as devidas proporções, mães novatas ouvirão, entre membros de gerações anteriores, que é bom que o bebê seja deixado sozinho desde cedo, para que não se acostume demasiadamente ao colo materno.

Com o devido respeito aos que nos antecederam, a quem devemos tanto do que usufruímos, anos de pesquisa e prática no campo da educação mostram que muitos destes antigos conselhos geram resultados indesejáveis, sobretudo porque carecem de bons fundamentos. São fartas as evidências que apontam para a ineficácia dos castigos físicos, por exemplo, bem como para a impossibilidade de se esperar alguma “independência” de bebês recém-nascidos. Similarmente, hoje se sabe que na fase das birras pode ser bastante útil checar se a criança está com sono, com fome ou com algum desconforto físico, se está irritada ou assustada, ou se precisa de alguma ajuda para estancar o próprio escândalo.

Naturalmente, alguma impaciência com comportamentos desafiadores são exemplos simplórios das dificuldades que podem emergir do convívio entre crianças e seus responsáveis. Na outra ponta da escala, há os casos de inegável negligência - quando não, pura violência -, praticados sobretudo por pais que também foram privados de boas experiências de cuidado. Segue-se, então, um ciclo vicioso de flagelos que abarcam desde problemas de saúde mental e transtornos alimentares ao lesões físicas e suicídio.

Ocorre que os benefícios de uma boa relação entre pais e seus filhos pequenos extrapolam os muros do lar: são abundantes as pesquisas que apontam a íntima conexão entre a presença de cuidadores atenciosos e a redução no risco de vício em drogas, iniciação sexual precoce e outros comportamentos de risco, além de um melhor desempenho escolar, melhor autoestima e saúde mental.

Porque o cuidado com as pessoas desde os primórdios de sua formação é peça-chave para a construção do bem comum, Family Talks entende que a formação de pais e mães a par de sua responsabilidade e com recursos para exercê-la deve ser uma prioridade do Estado e da sociedade civil.

Pais responsivos - nem autoritários, nem negligentes - são a melhor salvaguarda para um futuro sadio. Não se trata de ditar que modo as famílias devem educar seus filhos, mas de fornecer a melhor informação possível para que tomem suas próprias decisões, cientes de seu papel insubstituível. São as famílias, afinal, que cuidam das pessoas. E é de pessoas bem-cuidadas que se constrói uma cultura efetivamente inclusiva e diversa.

Infografia

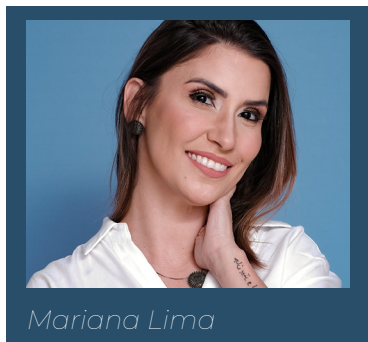
Entre janeiro e março de 2024, o Ministério dos Direitos Humanos recebeu mais de 47 000 denúncias de negligência familiar, mais de 70% do total de queixas registradas nos seis meses anteriores.

Um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) revelou que crianças que convivem com um ambiente familiar estável têm 52% menos probabilidade de desenvolver problemas comportamentais e emocionais.

Segundo o Ministério da Justiça, programas de intervenção em áreas de vulnerabilidade que incentivam a presença dos pais e a parentalidade positiva contribuíram para a redução em 28% dos índices de violência juvenil.



É preciso preparar-se para a paternidade.



Durante a gravidez dos meus dois filhos gêmeos, eu não tinha a menor paciência para ler e ouvir sobre tudo o que poderia acontecer depois que meus bebês nascessem. Não me refiro apenas aos cuidados básicos (amamentação, banho, cólicas, etc) mas também às fases do desenvolvimento e suas necessidades físicas, emocionais, cognitivas e sociais.

Sou psicóloga e, ainda assim, tudo isso me parecia “frescura da internet”. Não foi necessário muito tempo para que eu caísse do cavalo e nenhum curso ou mentoria teria me preparado por completo para isso.

Aos dois anos de idade, meus gêmeos já demonstravam ter personalidades completamente diferentes. Um era mais calmo, e eu conseguia conduzi-lo com alguma facilidade, de forma intuitiva. Com o outro, nada parecia funcionar. Na hora das birras - e ele fazia muitas, muitas mesmo -, ficava nervoso e se jogava no chão, e tudo o que eu fazia só parecia causar mais choro.

À altura, comecei a estudar mais sobre o comportamento infantil para descobrir o que fazer. Visivelmente, havia algo de errado. Foi quando decidi testar uma abordagem diferente: em vez de tentar a todo custo fazer com que meu filho se calasse ou parasse de chorar, eu simplesmente o acolhi. Perguntei se ele queria um abraço e, prontamente, ele veio. Parecia que estava esperando que eu estendesse a mão, para então se aconchegar. Foi uma experiência tão marcante que transformou não apenas minha maternidade, mas minha carreira: eu trabalhava na área de recursos humanos e passei a atuar como psicóloga clínica infantil e educadora parental. “Mas Mari, o que aconteceu naquele dia?”.

Ao abraçar meu filho, ele relaxou todo o seu corpinho. Começou a chorar de forma mais espaçada, soluçando, até parar. Atualmente, temos fartos estudos científicos comprovando que acolher a criança nestes momentos de desregulação interrompe a produção de cortisol, o hormônio do estresse, auxiliando com que seu sistema nervoso comece a trabalhar no ritmo do cuidador e permitindo que a criança se acalme com mais rapidez. Não se trata de “ceder” à birra, de não estabelecer regras de bom comportamento ou minar a autoridade dos responsáveis diante da criança: trata-se de compreender como o corpo da criança funciona, do ponto de vista fisiológico, e enfrentar a situação com estratégias mais eficazes.



Nesse sentido, os velhos conselhos de como “fulana” ou “ciclana” agiam diante das birras no passado adiantam pouco: com mais informações, podemos tomar decisões melhores.

Para dar outro exemplo: quantos de nós não ouvimos de parentes mais velhos que bebês pequenos têm de ser deixados chorando, para que aprendam a se acalmar sozinhos? Hoje, sabemos que, do ponto de vista neurológico, bebês pequenos são incapazes de se confortar: o choro, se cessar, será por excesso de estresse e de cansaço.

Porque a criação de uma criança envolve muito mais do que alimentar e trocar fraldas, insisto que preparar-se para ser pai ou mãe - ou, em outras palavras, preparar-se para uma paternidade consciente - é fundamental. Não se trata de uma “frescura da internet”, mas sim de um compromisso com a educação e o bem-estar das nossas crianças.

Abaixo, listo algumas razões pelas quais este preparo é tão importante:

1. **Compreensão das fases do desenvolvimento:** Saber sobre o desenvolvimento cognitivo, emocional e físico permite que os pais saibam o que esperar em cada fase da vida da criança. Isso evita frustrações e facilita o apoio adequado em momentos desafiadores, como birras ou dificuldades na escola.
2. **Desenvolvimento emocional saudável:** Crianças que crescem em um ambiente onde suas emoções são validadas e compreendidas têm maior probabilidade de desenvolver inteligência emocional, autoconfiança e resiliência. Pais informados podem fornecer suporte emocional mais adequado.
3. **Estímulo cognitivo apropriado:** Conhecer as melhores formas de estimular a curiosidade e o aprendizado da criança em cada fase é crucial. Os primeiros anos de vida são especialmente importantes para o desenvolvimento cerebral, e os pais podem fazer a diferença ao oferecer um ambiente rico em estímulos.



4. Criação de um vínculo forte: Preparar-se para a paternidade ajuda a criar uma relação mais forte entre pais e filhos. Compreender os sinais da criança, respeitar seu ritmo e responder de forma empática são atitudes que promovem uma ligação afetiva saudável.

5. Prevenção de problemas futuros: A falta de preparação e conhecimento pode gerar dificuldades futuras, como problemas de comportamento, baixa autoestima ou dificuldades de aprendizagem. Pais que entendem melhor os sinais da criança conseguem agir de forma preventiva.

6. Consciência sobre as demandas atuais: Hoje em dia, questões como o impacto das tecnologias, a pressão social e as mudanças na educação são realidades presentes na vida das crianças.

Pais informados estão mais preparados para lidar com essas questões de maneira equilibrada.

Por essas e muitas outras razões, formar pai ou mãe conscientes não é um “acessório”, mas uma aposta no futuro. Um futuro no qual todas as crianças têm assegurado o seu direito ao desenvolvimento pleno.

Mariana Lima é psicóloga, educadora parental e especialista em Neurodesenvolvimento infantil. É autora dos livros “Educação consciente” e “Maternidade positiva” e mãe do Alexandre e do João Pedro.

Perfil: @educarconscienteoficial

Fortalecimento da família e melhoria das práticas parentais como política pública?



Marcelo Couto Dias

Marcelo Couto Dias é licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia, mestre e doutor em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica de Salvador. Foi diretor na Secretaria Nacional da Família do Governo Federal e atualmente é Secretário da Família, Cidadania e Segurança Alimentar da Prefeitura de Osasco.

Em geral, a maior parte dos cidadãos concorda com a ideia de que, junto com a família, a sociedade e o Estado devem atuar nos problemas que comprometem o desenvolvimento de crianças e adolescentes, como a negligência e outras formas de violência às quais muitas delas são submetidas, a evasão escolar, o uso de álcool, tabaco e outras drogas, a iniciação sexual precoce ou o envolvimento em atos infracionais.

Quando se encontram em situação de grave negligência, violência física ou sexual crianças e adolescentes precisam ser retirados do convívio com a família natural e encaminhadas para o acolhimento institucional (o que acontece na maior parte dos casos) ou familiar (no Serviço de Família Acolhedora). Em vários municípios, o custo da manutenção de uma criança ou adolescente no Serviço de Acolhimento ultrapassa 8 mil reais por mês.

Recentemente, para enfrentar o problema da evasão escolar, que afeta principalmente os estudantes do ensino médio, o Congresso Nacional aprovou uma lei que cria um programa de incentivo financeiro-educacional, na modalidade de poupança, destinado a promover a permanência e a conclusão escolar de estudantes matriculados no ensino médio público. Na maior parte das vezes, a atuação do Estado acontece depois do problema instalado, quando os danos causados são mais difíceis de serem reparados e o custo da intervenção tende a ser mais elevado.

Não é por acaso que a sabedoria popular ensina que “é melhor prevenir do que remediar”.



Desse modo, a grande questão que devemos enfrentar é a seguinte: é possível prevenir comportamentos de risco em crianças e adolescentes? Em caso positivo, quais estratégias seriam mais efetivas? A boa notícia é que estudos científicos sérios, conduzidos em diferentes países, têm respondido que sim e têm avaliado a efetividade de diferentes estratégias. O que há em comum entre todas elas? O fortalecimento das famílias.

Um artigo publicado no site do National Institute on Drug Abuse (NIDA) mostrou que os comportamentos de risco em crianças e adolescentes associados a violência, acidentes, atividade sexual, uso de substâncias ou transtornos psiquiátricos, suicídio ou lesão autoinfligida são evitáveis com intervenções psicossociais, incluindo programas de prevenção baseados na família.

Para cada dólar investido em estratégias eficazes de prevenção a economia com o tratamento dos problemas mencionados pode variar de 3 a 26 dólares.¹

Conclusões semelhantes são apresentadas pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) e pela Organização Mundial da Saúde (OMS), nos *International Standards on Drug Use Prevention*.² Ao tratar no nível de evidência das intervenções preventivas, a publicação mostra que, numa escala de 1 a 5, os programas de prevenção destinados a crianças e adolescentes, que envolvem a família e a melhoria das habilidades parentais, alcançam nota 4, e os programas escolares nota 3.

Também o Currículo Europeu de Prevenção³ destaca os benefícios das intervenções de v dos vínculos familiares. “Ficou demonstrado que as intervenções baseadas em evidência científica destinadas a prevenir o consumo de substâncias nos jovens não só reduzem a probabilidade de consumo de substâncias em fases posteriores da vida, mas também têm efeitos positivos em resultados não previstos. A investigação sobre o programa «*Strengthening Families Program: For Parents and Youth 10-14*», por exemplo, também demonstrou (através de aplicações nos EUA) que se produziram resultados não previstos, incluindo reduções da atividade criminosa, depressão, ansiedade e comportamentos sexuais de risco para a saúde, bem como melhores resultados escolares.”

O programa citado foi traduzido e adaptado para o Brasil em 2014 com o nome Programa Famílias Fortes. A avaliação de efetividade contratada pelo Governo Federal em 2020, mostrou que, 6 meses após a participação no Programa, houve uma redução de 60% na negligência parental e de 80% na exposição de adolescentes à embriaguez dos pais, além do aumento do uso de disciplina não-violenta pelos cuidadores.⁴

Outra publicação que contou com a colaboração de diversos organismos internacionais, o *IN-SPIRE* - Sete estratégias para pôr fim à violência contra crianças, também destaca a importância de se criar relações positivas entre pais, mães

e filhos. Nele é recomendado o Programa ACT - para Educar Crianças em Ambientes Seguros, uma intervenção de fortalecimento da família e melhoria das práticas parentais, destinada a pais, mães ou cuidadores de crianças de 0 a 8 anos, para prevenção de violência. Desenvolvido pela *American Psychological Association* (APA), o Programa foi traduzido e adaptado para o Brasil. Um estudo de avaliação mostrou eficácia para melhorar as práticas parentais positivas das mães e reduzir os problemas de comportamento das crianças.⁵

Enfim, a decisão de implementar como política pública programas de fortalecimento dos vínculos familiares e melhoria das práticas parentais, independente de considerações partidárias ou ideológicas, é uma questão de custo-efetividade na promoção do desenvolvimento de crianças e adolescentes que, como estabelece a Constituição Federal, devem ser tratadas com “absoluta prioridade”.



¹Fonte: <https://nida.nih.gov/about-nida/noras-blog/2022/04/investing-in-prevention-makes-good-financial-sense>

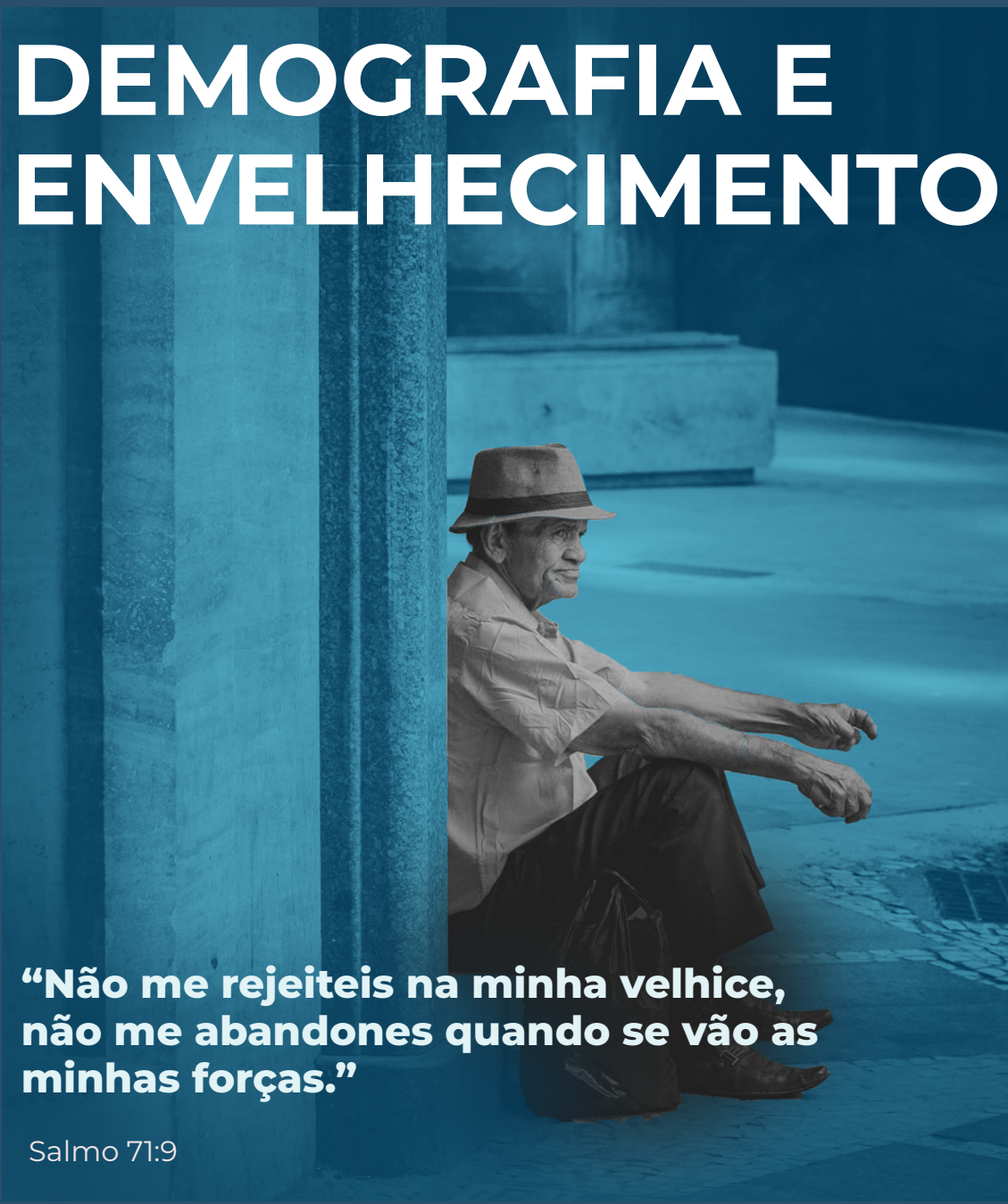
²Fonte: https://www.unodc.org/documents/prevention/UNODC-WHO_2018_prevention_standards_E.pdf

³Fonte: https://www.euda.europa.eu/publications/manuals/european-prevention-curriculum_en

⁴Fonte: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38845002/>

⁵Fonte: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0193397318301369>

DEMOGRAFIA E ENVELHECIMENTO



**“Não me rejeiteis na minha velhice,
não me abandones quando se vão as
minhas forças.”**

Salmo 71:9

Vivemos em um país pobre, porém jovem. Por décadas, este foi o adágio repetido em salas de aula, debates acadêmicos, veículos de comunicação, entre outros meios, sempre que se falava da população do Brasil. A juventude era a aposta dos otimistas: um dia, num futuro não tão distante, nossa pujante força de trabalho transporia enfim as barreiras da desigualdade, atraindo inovação, investimentos e capital para nossas terras antes de, enfim, começarmos a envelhecer. Teríamos surfado o “bônus demográfico”.

Já há alguns anos, demógrafos experientes alertavam para o paulatino descumprimento da promessa do bônus: entre 2000 e 2010, a taxa de fecundidade do país despencou de 2,3 para 1,8 filhos por mulher - abaixo, portanto, do nível de reposição populacional. Em agosto de 2024, dados inéditos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) expuseram o quão íngreme é a ladeira:

COM CADA VEZ MENOS BEBÊS E MAIS IDOSOS, A POPULAÇÃO BRASILEIRA DEVE PARAR DE CRESCER JÁ EM 2040. NÃO APENAS ENVELHECE, COMO O FAZ CADA VEZ MAIS RÁPIDO.

Não estamos sozinhos nesta estrada. Países como o Japão, a Coreia do Sul e vários países europeus também enfrentam a queda brusca de suas taxas de natalidade. Em todo o mundo, medidas mais ou menos drásticas são tomadas no esforço de reverter uma tendência que parece irreversível.

A Hungria, por exemplo, criou um programa que isenta mães com quatro ou mais filhos de pagar imposto de renda vitaliciamente, enquanto a Itália, com uma das piores taxas do continente, oferece bônus financeiros para famílias com novos filhos e facilita o acesso a creches - sem sucesso. Na Rússia, o governo tem subsidiado a compra de moradias para famílias, enquanto o parlamento debate a proibição da propaganda de uma vida sem filhos. Nem a China, outrora preocupada com a superpopulação, escapa à crise: pela primeira vez em cinquenta anos, teve de ajustar as regras para a aposentadoria.

O rombo da previdência é apenas um dos problemas a serem enfrentados por uma população que decresce. Sem jovens,

quem vai zelar pelos idosos, movimentar a economia, ocupar os escritórios, as praias, os cinemas? Sem crianças, quem ocupará as escolas? Não se trata, afinal, apenas de uma complexa operação matemática a ser resolvida pelos donos do dinheiro, mas de uma questão de ordem prática. Não somos cuidados por máquinas. Sem pessoas, quem cuidará de quem fica?

Movidos pela esperança de um futuro no qual ninguém é deixado para trás, Family Talks luta por um Brasil ciente dos desafios que se avizinham. Um país que utilize seus fartos recursos para cuidar dos mais velhos e para permitir que pais e mães sintam-se seguros para criar suas crianças. Um país no qual famílias sejam incentivadas a crescer não por mera propaganda, mas por encontrarem ao seu redor as condições necessárias para tal.

INFOGRAFIA

Entre 2000 e 2023, a proporção de idosos (60 anos ou mais) na população brasileira subiu de 8,7% para 15,6%. **Em 2070, cerca de 37,8% dos habitantes do país serão idosos.**

2,4
Milhões

Atualmente, no país, estima-se que haja 2,4 milhões de idosos que **não conseguem fazer sozinhos suas atividades básicas diárias.**

71%

dos municípios brasileiros **não possuem nenhuma instituição de longa permanência para idosos.**

CADA VEZ MENOS PESSOAS OPTAM POR TER FILHOS



O que os americanos acham disso?

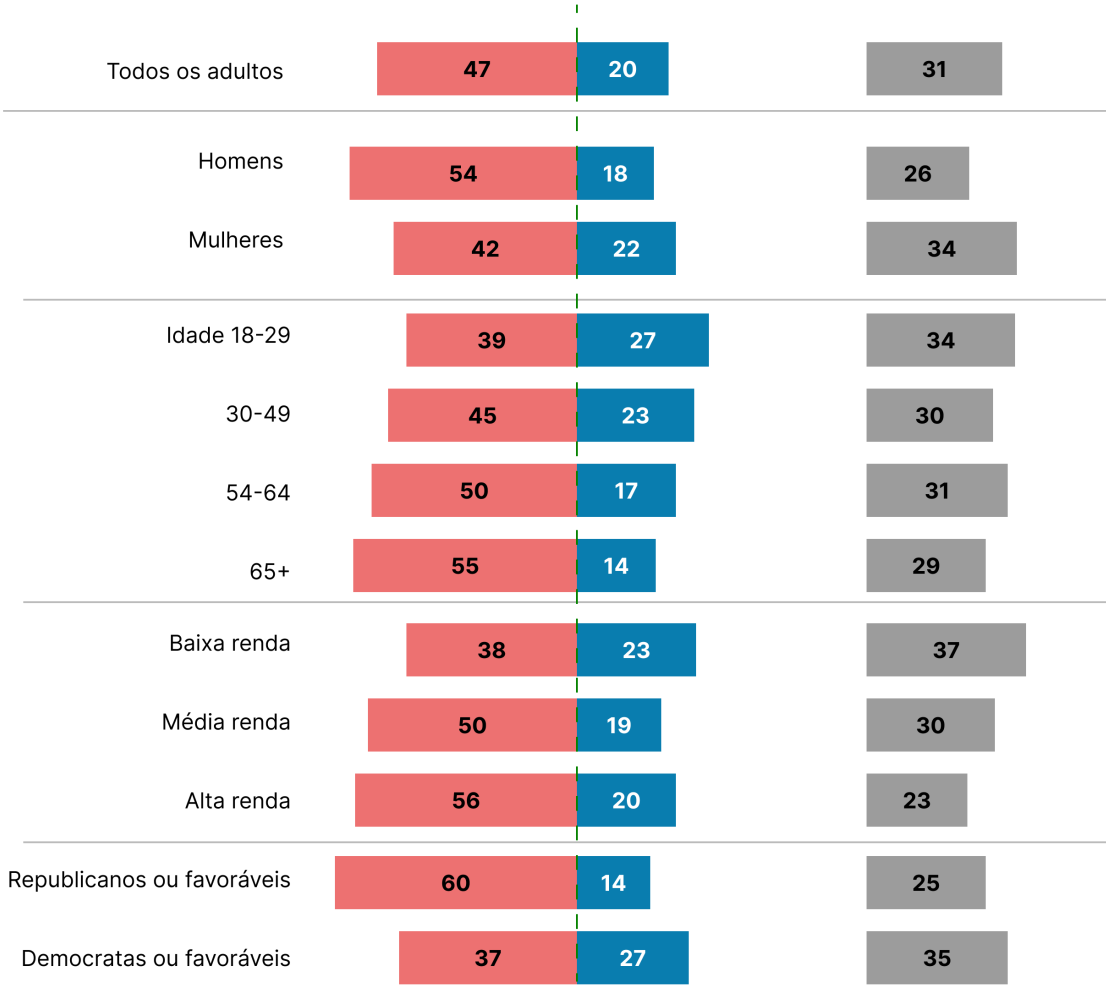
Nos Estados Unidos, a porcentagem de adultos com menos de 50 anos e sem filhos que afirmam ser improvável que algum dia os tenham aumentou de 37% em 2018 para 47% em 2023, uma alta de 10 pontos percentuais em cinco anos.

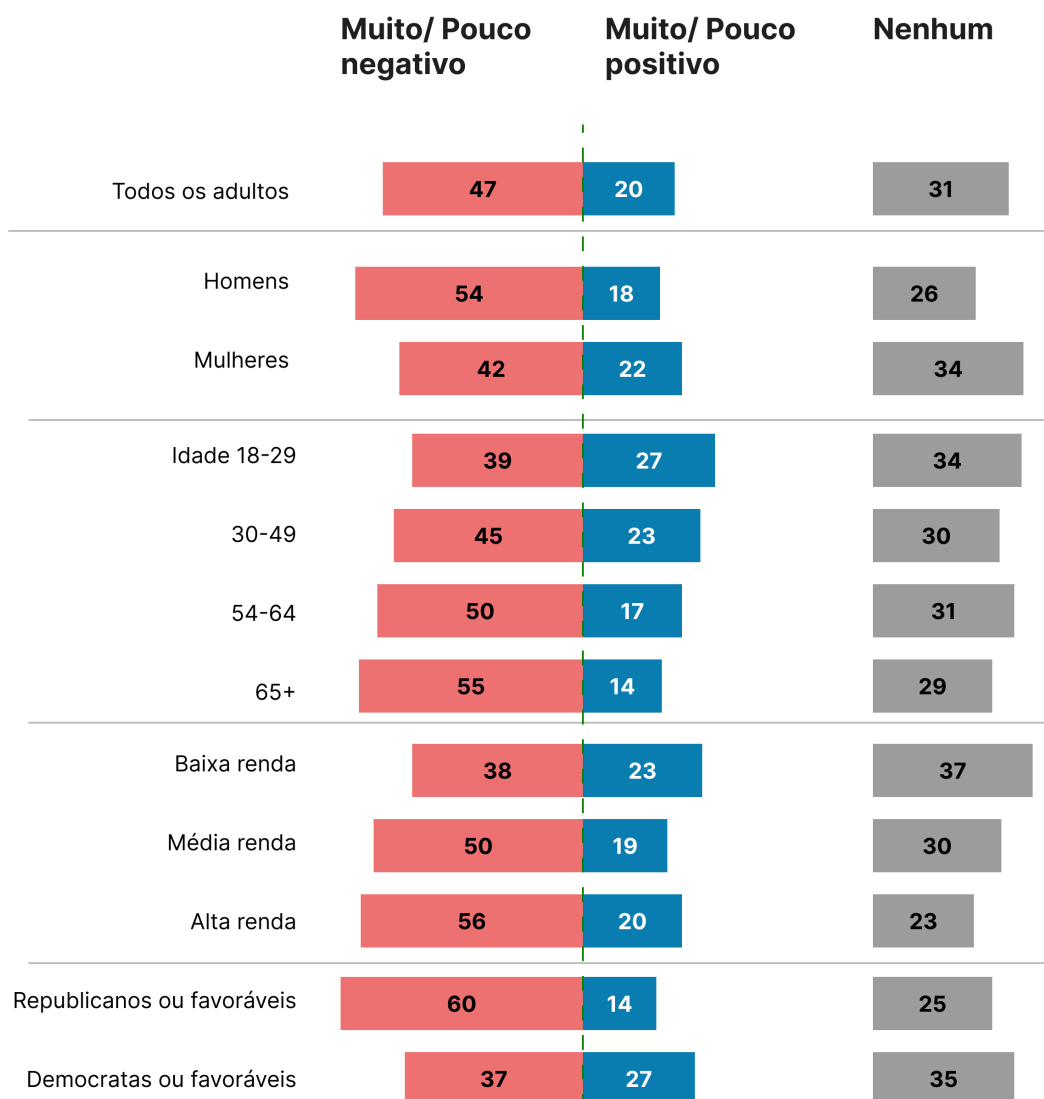
Entre esses adultos, 57% afirmam que uma das principais razões pelas quais é improvável que tenham filhos é simplesmente porque não querem, segundo uma nova pesquisa do *Pew Research Center*.

Quase metade de todos os adultos nos Estados Unidos (47%) acredita que a queda na taxa de fertilidade teria um impacto negativo no país, de acordo com uma pesquisa realizada no segundo trimestre de 2024.

Adultos mais velhos, homens, republicanos e com rendas mais altas estão entre os mais propensos a afirmar que ter menos pessoas tendo filhos teria um impacto negativo no país. As diferenças por gênero, idade e renda permanecem quando se analisa separadamente democratas e republicanos.

QUASE METADE DOS AMERICANOS DIZEM QUE MENOS PESSOAS ESCOLHENDO TER FILHOS IMPACTARÁ NEGATIVAMENTE OS EUA



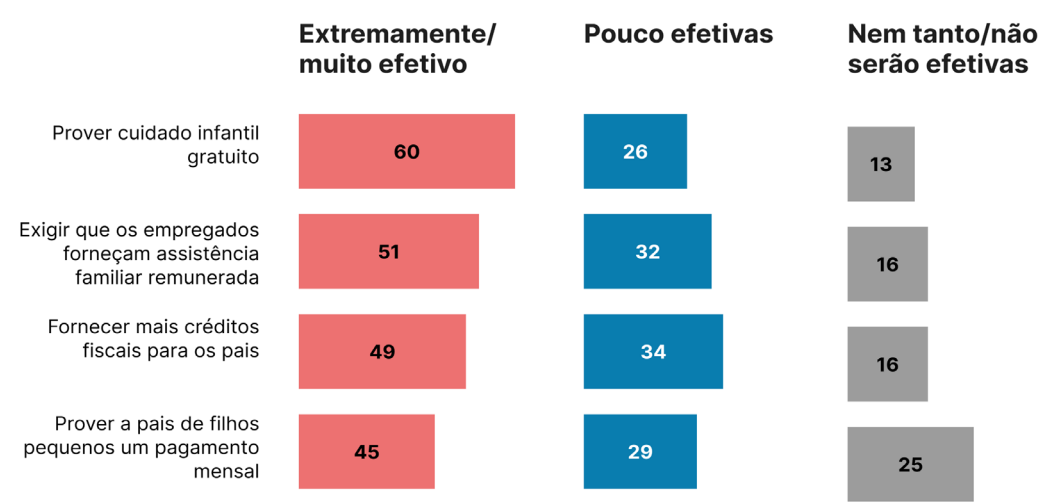


QUAIS POLÍTICAS OS AMERICANOS ACHAM QUE INCENTIVARIAM MAIS AS PESSOAS A TER FILHOS?

Essas opiniões variam de acordo com o partido político. Democratas e pessoas independentes que tendem a apoiar os democratas são mais propensos que republicanos e simpatizantes dos republicanos a dizer que cada uma das seguintes medidas seria altamente eficaz:

A maioria dos americanos diz que prover cuidado infantil gratuito encorajaria mais pessoas a terem filhos.

% De pessoas dizendo que , cada uma das seguintes políticas federais encorajaria mais pessoas a terem filhos no futuro, independentemente de os apoiarem ou não



Fonte: Enquetes de adultos dos conduzidas de 13-19 de maio de 2024

- Oferecer creche gratuita (72% vs. 50%)
- Exigir que os empregadores ofereçam licença familiar remunerada (61% vs. 41%)
- Fornecer mais créditos fiscais para pais (54% vs. 45%)
- Dar aos pais de crianças e adolescentes um pagamento mensal (54% vs.35%)

Essas visões podem refletir o fato de que os republicanos tendem a preferir um papel mais limitado para o governo federal.

DIFERENÇAS ENTRE REPUBLICANOS

Embora os republicanos demonstrem menos apoio para cada uma das políticas abordadas, há diferenças por gênero e idade entre aqueles alinhados com o Partido Republicano.

Por margens de dois dígitos, mulheres republicanas são mais propensas que homens republicanos a dizer que duas políticas seriam altamente eficazes:

- Oferecer creches gratuitas (56% vs. 44%)
- Exigir que os empregadores ofereçam licença familiar remunerada (47% vs. 37%)

As diferenças de gênero nas demais políticas são mais modestas.

Também há diferenças por idade. Republicanos com menos de 50 anos são mais propensos que republicanos mais velhos a considerar todas as quatro abordagens como altamente eficazes.

Republicanos com menos de 30 anos são especialmente propensos a dizer que cuidados infantis gratuitos (69%) e licença familiar remunerada (63%) seriam altamente eficazes para incentivar mais pessoas a terem filhos.

DIFERENÇAS ENTRE DEMOCRATAS

Entre os democratas, não há diferenças significativas de gênero, exceto em relação à licença familiar remunerada. Mulheres democratas (64%) são um pouco mais propensas que homens democratas (58%) a ver essa medida como uma forma altamente eficaz de encorajar mais pessoas a terem filhos.

Por margens de dois dígitos, democratas com menos de 50 anos são mais propensos que aqueles com 50 anos ou mais a dizer que cada uma das seguintes medidas seria altamente eficaz:

- Exigir que os empregadores ofereçam licença familiar remunerada (66% vs. 55%)
- Dar aos pais de menores de idade um pagamento mensal (61% vs. 44%)

Há diferenças menores por idade nas outras duas políticas abordadas.

Desafios do envelhecimento populacional brasileiro



No contexto do envelhecimento populacional brasileiro, observa-se um rápido aumento da Razão de Dependência de Idosos (RDI), que deverá crescer de 9,8% em 2010 para 36,6% em 2050 .



Cimar Aparício

é economista e doutor em demografia. Pesquisador e consultor

Esse aumento expõe o sistema previdenciário brasileiro, baseado no regime de repartição, a desafios econômicos e sociais consideráveis. Nesse regime, as contribuições dos trabalhadores ativos financiam as aposentadorias dos inativos, sustentando-se em uma perspectiva de solidariedade intergeracional. Com a redução do ritmo de crescimento populacional e o avanço do envelhecimento da população, o equilíbrio do sistema se torna mais frágil, uma vez que o número de contribuintes tende a diminuir enquanto o número de beneficiários aumenta. A reforma da previdência de 2019

foi de caráter paramétrico, em que somente parâmetros específicos do sistema previdenciário foram alterados, como idade mínima, tempo de contribuição, taxa de reposição, alíquotas de contribuição e regras de cálculo dos benefícios, sem modificar a estrutura básica do regime.

Foi a reforma possível, em um tema político de pouca popularidade.

Fontes

1 Fonte: United Nations Population Division (2022).

2 Fonte: Amaro, L. C., & Afonso, L. E. (2018). Quais são os efeitos do envelhecimento populacional nos sistemas previdenciários de Brasil, Espanha e França?. Revista Brasileira De Estudos De População, 35(2), 1–29. <https://doi.org/10.20947/S102->

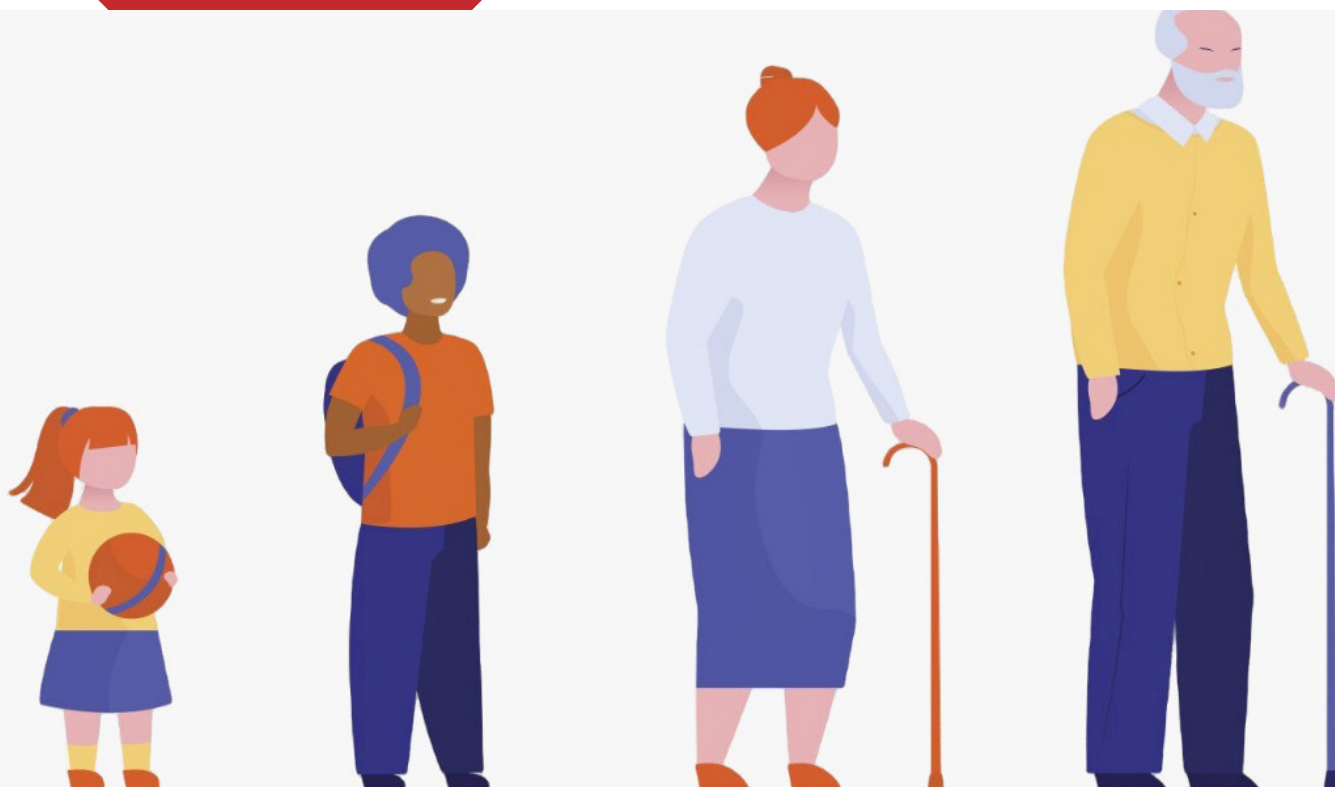
Apesar da reforma, a pressão fiscal no Brasil será crescente pelo aumento projetado nos benefícios programáveis, que atingirão crescimento expressivo até 2050, superando o ritmo de países com um padrão demográfico maduro, como Espanha e França.

A tendência é que o déficit previdenciário brasileiro alcance mais de 180 bilhões de dólares em 2050². A alíquota necessária para equilibrar o sistema poderia ultrapassar níveis economicamente inviáveis, evidenciando uma baixa sustentabilidade do modelo atual.

Diante desse cenário, novas reformas previdenciárias tornam-se não apenas recomendáveis, mas urgentes ao longo dos próximos anos. Além de mudanças nas regras de concessão de benefícios, é preciso

considerar a função social das famílias, que prestam a maior parte dos cuidados aos idosos.

Nas próximas décadas, os governos federal, estadual e municipal têm de pensar políticas de apoio aos cuidados dos idosos, integradas ao contexto familiar, que serão essenciais para enfrentar o impacto do envelhecimento populacional sobre a economia e a sociedade do Brasil.





O “inverno demográfico” e seus desafios econômicos



Ricardo da Silva Carvalho

Ricardo da Silva Carvalho é economista, mestre em história econômica e especialista em cidades inteligentes.

Mudanças culturais e avanços nas condições de saúde transformaram, nas últimas décadas, o perfil demográfico das sociedades ocidentais, em virtude da queda drástica nas taxas de natalidade e do aumento na expectativa de vida.

Essa transformação, inicialmente celebrada como facilitadora do desenvolvimento econômico – pois reduziria os custos associados ao crescimento populacional – hoje se aprofundou a ponto de ser vista, crescentemente, com preocupação pelos governos e pela sociedade civil, entre outras razões, pelos empecilhos que impõe ao crescimento econômico e ao desenvolvimento.

De fato, enquanto inicialmente se imaginava que as populações se estabilizariam, mantendo uma taxa de fecundidade capaz de permitir a reposição das antigas gerações, o que hoje se desenha em muitos países, para um futuro relativamente próximo, é um verdadeiro colapso populacional, naquilo que alguns designaram inverno demográfico. No Japão, estima-se que a população irá encolher em cerca de 30% até 2065. Na Itália, o cenário base é de uma retração de 20% até 2070. A queda é ainda maior quando consideramos apenas a população economicamente ativa.

Para compreendermos os impactos econômicos dessa tendência, não basta explicá-los em termos exclusivamente financeiros, como fazemos, por exemplo, ao discutir uma das suas implicações mais óbvias: a crise da previdência social – na qual menos contribuintes deverão pagar por mais aposentadorias.

Voltemos os nossos olhos para a economia real – isto é, a produção e o consumo de bens e serviços. Aí, podemos retratar o problema assim: a população economicamente ativa encolhe rapidamente como proporção da população total – que é, toda ela, consumidora daquilo que a população ativa produz. Portanto, para evitar uma queda drástica dos padrões de vida, cada trabalhador terá de produzir muito mais.

Em outras palavras, será necessário um aumento formidável da produtividade, apenas para manter os padrões de vida a que estamos habituados. E não podemos contar com esse crescimento tão expressivo da produtividade.

Já em nossos dias, vários desafios enfrentados pelas sociedades ocidentais, desde as crises fiscais recorrentes até a polarização política exacerbada, podem ser explicados, em alguma medida, pela mudança do perfil demográfico. Esses desafios, ao mesmo tempo, retroalimentam o problema, pois provocam dificuldades econômicas e um esgarçamento do tecido social que tornam o ambiente mais hostil à formação de famílias e à criação de filhos. Reflexos disso aparecem em estudos que mostram uma propensão a ter filhos cada vez menor nas populações mais jovens.

O Brasil segue pelo mesmo caminho: dados do último censo mostram que o envelhecimento de nossa população está sendo mais rápido do que se supunha. E, embora estejamos numa etapa anterior dessa transformação, em comparação com os países desenvolvidos, temos agravantes em relação a eles. Somos um país pobre, com carências sociais severas, que só poderão ser resolvidas com muito crescimento econômico, dificultado pelo envelhecimento precoce. Surpreende, portanto, que parte relevante de nossa opinião pública permaneça presa a preconceitos contraproducentes, acusando, por exemplo, certas políticas assistenciais de incentivarem os pobres a terem muitos filhos, quando – é bom que se diga – infelizmente não há sinais de que isso seja verdade.

Os economistas podem ajudar a tirar o debate público dos lugares-comuns sobre o assunto, colaborando na elaboração de estratégias capazes de reverter ou, ao menos, atenuar a tendência instalada. Essas estratégias podem combinar, por exemplo, uma facilitação da imigração de populações jovens com incentivos fiscais para as famílias numerosas e políticas públicas mais robustas de apoio à primeira infância. Se ponderarmos os custos dessas políticas e os custos de permanecer inertes, não tenho dúvida de que chegaremos facilmente à conclusão de que não agir, a pretexto de não gastar, é um mais “barato” que irá nos sair muito caro.



“Um homem que não dedica tempo à família nunca será um homem de verdade.” - Don Vito Corleone, “O Poderoso Chefão” (The Godfather, 1972)

A família pelo mundo



Todos nascemos em uma família: eis uma realidade inescapável da condição humana.

Correm os anos, mudam-se os tempos, as modas, a cultura, avança a tecnologia... E continuamos a vir ao mundo dependentes não apenas de quem nos alimente e proteja, mas de quem nos cuide por inteiro não por nossos méritos, mas pelo que somos: únicos e insubstituíveis. Assim o é em países pobres e ricos, tropicais e temperados, democráticos e autoritários.

Vide o papel que a família desempenha nas principais manifestações culturais de qualquer região: a leitura comunitária da Hagadá na Páscoa judaica, as noites do Ramadã nos países islâmicos, os banquetes familiares que celebram a chegada da primavera na China e no Vietnã, as ceias de Ação de Graças nos Estados Unidos e no Canadá, os casamentos rurais representados nas quadrilhas juninas do nosso amado Brasil.

Porque celebramos a família, apresentamos a seguir entrevistas, artigos e análises que abordem o assunto de forma mais ampla, suscitando reflexões que vão além da realidade nacional ou de um país específico, e que extrapolam também os temas abordados nas editoriais anteriores. Encerramos, enfim, com uma singela contribuição cultural - uma inspiração - na esperança de que você, leitor, seja movido a crer, como nós, no poder de cuidar e ser cuidado, de ser amado por uma família.



Entrevista: James Heckman, vencedor do prêmio Nobel de Economia.

“O declínio da família é a origem de muitos problemas sociais”

Para o economista americano James Heckman, as políticas públicas têm negligenciado demais a família. Além disso, o especialista lamenta uma postura crescente de vitimização em relação ao Estado.

Entrevista concedida para Albert Steck, do jornal NZZ*

Senhor Heckman, os países do Ocidente estão gastando cada vez mais dinheiro com sistemas de bem-estar social, especialmente com a previdência, que custa muito caro. O senhor pesquisa a eficácia de programas sociais. Como estamos utilizando esses recursos?

Com o envelhecimento da sociedade, o grupo eleitoral dos aposentados ganha cada vez mais peso. Não me surpreende que eles lutem por esses benefícios. Essa evolução da política social em geral é sintomática: está cada vez mais dominada pelos interesses particulares de grupos específicos. Infelizmente, a sociedade está perdendo de vista o bem comum. Você deve conhecer a famosa frase do ex-presidente dos EUA John F. Kennedy: "não pergunte o que seu país pode fazer por você – pergunte o que você pode fazer pelo seu país."

Kennedy defendia que os cidadãos deveriam adotar uma visão mais ampla, que ultrapassasse seus interesses pessoais. Essa mentalidade está desaparecendo. E isso não se vê apenas na previdência. Todos nós sabemos que nossos sistemas de bem-estar social não são financeiramente sustentáveis, mas essa realidade é amplamente ignorada pela política.

A que o senhor atribui essa mudança de mentalidade?

Nossa sociedade está cada vez mais fragmentada em diferentes grupos de interesse, que se apresentam principalmente como vítimas. Esses grupos formam uma clientela do Estado, exigindo mais recursos e redistribuição. Isso cria uma relação de dependências mútuas.

Como assim?

Vou te dar um exemplo: eu pesquisei o estado de bem-estar social na Dinamarca por muitos anos. Esse é um dos sistemas mais generosos e caros do mundo. No entanto, ao analisar a mobilidade social em termos de níveis educacionais, o país não se sai melhor do que os Estados Unidos, por exemplo. Claramente, mesmo com a ampliação dos benefícios, não se consegue melhorar significativamente a igualdade de oportunidades para as camadas menos qualificadas da população.

O que você sugere para alcançar mais igualdade de oportunidades?

Sempre que surge um problema político, queremos resolvê-lo com dinheiro. "Precisamos de um orçamento maior" é a demanda comum. Mas esses subsídios são muitas vezes um desperdício, se apenas combatem os sintomas, em vez de atacar as causas. Pegue a pobreza infantil, por exemplo, a qual estudei profundamente: normalmente definimos pobreza como falta de dinheiro. No entanto, a pobreza dessas crianças é frequentemente muito mais abrangente. Elas carecem igualmente de uma família estruturada e de um ambiente que fomenta seus talentos.

Que a falta de estruturas familiares prejudique a criança é compreensível. Mas não é delicado quando o Estado começa a interferir nessas questões privadas?

Não, pois o investimento na primeira infância é de longe o mais eficaz. Há estudos científicos impressionantes que mostram que crianças que recebem mais atenção aos três ou quatro anos de idade têm mais sucesso na vida adulta. Também está documentado que uma criança de três anos com comportamento agressivo tem maior probabilidade de se tornar um adulto criminoso.

Mesmo que a eficácia dos programas sociais possa aumentar, nas culturas ocidentais há grandes reservas quando as autoridades intervêm na esfera familiar. As pessoas temem que o Estado possa doutriná-las.

Entendo essas preocupações, claro: há exemplos históricos suficientes de regimes totalitários. No entanto, tal programa não deve ser conduzido pelo Estado, mas sim como um trabalho de base entre pessoas iguais. Um conceito muito bem-sucedido nas favelas da Jamaica é o de mães experientes que apoiam pais jovens no cuidado de seus filhos. O controle permanece na vizinhança local.

Por que as estruturas familiares são tão importantes para melhorar a igualdade de oportunidades em uma sociedade?

A família como instituição está em declínio em todo o mundo. E esse desenvolvimento está na origem de muitos problemas sociais. Sobretudo quando uma família está fortemente fragilizada, falta o cuidado parental com as crianças. O cuidado materno se tornou um bem escasso e caro. A integração das mulheres no mercado de trabalho é, sem dúvida, uma conquista. No entanto, isso levou à comercialização da família – os mecanismos de preço agora se aplicam também a essa esfera. O fato de que também é função da família criar as gerações futuras de repente foi deixado de lado. Esse trabalho não é mais valorizado.

Você também critica os sistemas escolares por não darem ênfase suficiente à formação de caráter nas crianças.

Nossas escolas estão muito focadas no desenvolvimento do desempenho intelectual. No entanto, o que se esquece é a base do aprendizado: as crianças melhoram quando podem cometer erros. Para isso, elas precisam de uma confiança fundamental, que constroem por meio do calor e do carinho dos pais. Em vez disso, vemos hoje a ascensão dos chamados "pais helicóptero".

Isso significa que é necessário redescobrir o papel da mãe?

Quem conhece uma criança melhor do que a própria mãe? Por isso, devemos apoiar tanto as mães quanto os pais para que possam cuidar bem de seus filhos. Essa educação personalizada é a melhor base. Obviamente, creches também podem contribuir.

Estamos vendo um aumento dramático de doenças mentais entre os jovens em muitos países. Você também atribui isso ao declínio da família?

Com certeza. Embora o aumento também esteja relacionado ao fato de que agora podemos diagnosticar melhor essas doenças, a saúde mental está fortemente ligada às condições familiares. Em uma família fraca, é muito mais difícil apoiar uma criança. Hoje, as famílias estão sob ainda mais estresse. Muitas vezes, ambos os pais trabalham, o que limita os recursos para o cuidado. A sociedade assume que os pais vão criar seus filhos com sucesso. Embora isso afete a todos, é tratado como uma questão privada. Além disso, as grandes diferenças entre as famílias aumentam a desigualdade e a polarização na sociedade.



Na prática, o que isso significa para o estado de bem-estar social? Transferências financeiras têm pouco impacto se as estruturas familiares e os valores sociais não estiverem corretos?

De fato, acredito que é necessário repensar. Em particular, precisamos de uma maior responsabilidade. Os governos devem assumir um papel de liderança mais forte ao definir valores sociais. Ao mesmo tempo, os cidadãos também devem assumir mais responsabilidade por suas próprias ações.

Você acha que esse senso de dever foi perdido?

Sim, o que nos traz de volta à frase de Kennedy: de fato, observo uma tendência de transferir o máximo de responsabilidades para o Estado. Como mudar isso? Uma condição crucial é garantir igualdade de oportunidades – especialmente na infância. Em troca, o Estado deve promover o princípio meritocrático. Ou seja, quem se destacar por desempenho excepcional deve ser recompensado.

Os políticos atuais raramente promovem mais meritocracia.

Infelizmente, não. Em vez disso, há uma postura crescente de vitimização – tanto na esquerda quanto na direita política. Os políticos tentam convencer as pessoas de que estão sendo injustamente tratadas na vida. Eu defendo o oposto: vamos dar às pessoas as ferramentas e incentivos necessários para que aproveitem suas oportunidades.

Fonte: <https://www.nzz.ch/wirtschaft/der-niedergang-der-familie-ist-der-ursprung-fuer-ganz-viele-soziale-probleme-nobelpreistraeger-james-heckman-weiss-woran-die-welt-krankt-ld.1846882>

Poema enjoadinho

Vinícius de Moraes em “Antologia poética”



Escaneie o QR code para ouvir a interpretação do autor

*Filhos... Filhos?
Melhor não tê-los!
Mas se não os temos
Como sabê-lo?
Se não os temos
Que de consulta
Quanto silêncio
Como os queremos!
Banho de mar
Diz que é um porrete...
Cônjuge voa
Transpõe o espaço
Engole água
Fica salgada
Se iodifica
Depois, que boa
Que morenaço*

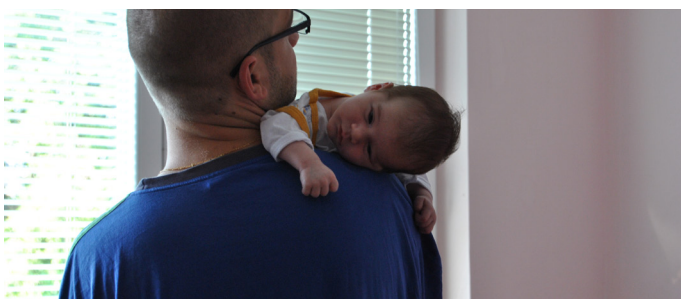
*Que a esposa fica!
Resultado: filho.
E então começa
A aporrinhação:
Cocô está branco
Cocô está preto
Bebe amoníaco
Comeu botão.
Filhos? Filhos
Melhor não tê-los
Noites de insônia
Cãs prematuras
Prantos convulsos
Meu Deus, salvai-o!
Filhos são o demo
Melhor não tê-los...
Mas se não os temos*

*Como sabê-los?
Como saber
Que macieza
Nos seus cabelos
Que cheiro morno
Na sua carne
Que gosto doce
Na sua boca!
Chupam gilete
Bebem xampu
Ateiam fogo
No quarteirão
Porém que coisa
Que coisa louca
Que coisa linda
Que os filhos são!*



Conquistas do Family Talks em 2024

Atuação nacional:



Cofundamos a Coalizão Licença Paternidade (CoPai), um coletivo de OSCs e Empresas para promover a **licença-paternidade** no Brasil, junto do qual criamos uma proposta de aumento da licença-paternidade politicamente viável - [Veja a íntegra aqui](#)



Participamos da criação da Frente Parlamentar da Licença Paternidade, da qual fazemos parte como coordenadores.

Notícia completa: [Congresso Nacional lança Frente Parlamentar pela Licença Paternidade articulada por Family Talks](#)



Mobilizamos o Governo Federal: reunião com Ministro da Previdência e com assessorias técnicas de vários ministérios

Notícia completa: [Family Talks é recebido por Carlos Lupi, ministro da Previdência, para conversar sobre aumento da Licença Paternidade](#)

Quanto ao tema de **Educação Parental**, o debate nacional sobre a importância de fortalecer a relação entre pais e filhos mudou de patamar e tivemos participação nisso:

- **Integramos a coordenação temática do Pacto Nacional da Primeira Infância**, do CNJ, sobre o assunto.

Notícia completa: [Family Talks é um dos coordenadores do Seminário de 5 anos do Pacto Nacional da Primeira Infância](#)

- **Criamos o primeiro grupo de trabalho sobre Parentalidade**, junto com a Frente Parlamentar da Primeira Infância e Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. O objetivo é construir uma agenda legislativa de propostas sobre Educação Parental

Notícia completa: [Family Talks coordena grupo sobre parentalidade no Congresso Nacional](#)

- **Organizamos o Seminário “Parentalidade e Cuidado”** no Congresso Nacional, primeiro evento da história do Legislativo Brasileiro sobre o assunto

Notícia completa: [Family Talks organiza Seminário Parentalidade e Cuidado na Câmara dos Deputados](#)

- **Trabalhamos para a introdução da educação parental como prioridade no Plano Nacional de Educação**, do qual participamos dos workshops de elaboração organizados pelo Ministério da Educação.

- Atuamos, junto ao Ministério de Desenvolvimento Social, para fazer com que haja **priorização do apoio à parentalidade** dentro da Política Nacional de Cuidados - veja na íntegra

- **Participamos de evento na Câmara dos Deputados** como especialistas no assunto da importância da parentalidade para prevenir violências

Notícia completa: [Family Talks participa de Jornada Legislativa da Câmara Federal com o tema Parentalidade e prevenção às violências](#)

Trabalhamos pela **proteção da infância e adolescência** na internet:

Family Talks é articulador principal do projeto de lei que visa criar a restrição ao uso de telas nas escolas, aprovado como PL 104/2015 pela Comissão de Educação da Câmara dos Deputados por unanimidade:

- **Notícia completa** [PL que proíbe celular nas escolas é aprovado na Comissão de Educação, Family Talks participa da articulação](#)
- **Notícia completa** [Family Talks discute proteção da infância e adolescência em Jornada Legislativa na Câmara dos Deputados](#)
- **Notícia completa** [Presidente do Family Talks fala ao Senado sobre proteção de crianças e adolescente](#)



Lutamos pela valorização da importância da família como causa social junto ao debate público e Governo Federal:

- Desde 2021, lideramos um movimento para criar uma **Política Nacional de Fortalecimento de Vínculos Familiares**. Em 2024, a Câmara dos Deputados aprovou o projeto concebido por nossa iniciativa.

Notícia completa: [Comissão aprova projeto que estabelece diretrizes para políticas públicas voltadas à família](#)

- Com outras ONGs, contribuimos para a publicação de um Documento de Recomendações “policy brief” no T20 ([veja na íntegra aqui](#)) - e nos tornamos coautores de um material histórico na pauta da erradicação da pobreza e apoio às famílias no Brasil.
- Organizamos evento, liderado pela FMCSV, no G20 Social, sobre investimento na infância
[Family Talks participa de painel do G20 Social sobre investimento na primeira infância](#)

Atuação Local:

Promovemos, nacionalmente, políticas de **fortalecimento das famílias** em âmbito local e regional

- Criamos a agenda de propostas “Como apoiar as famílias em seu município”, um documento inédito para as eleições municipais de 2024, com recomendações pensadas para a implementação de políticas de apoio às famílias nos municípios.



[Family Talks lança documento ‘Como ajudar as famílias em sua proposta de governo’](#)

- Trabalhamos diretamente com dois dos principais pré-candidatos ao governo de São Paulo, para inserir nossas propostas em suas agendas, com destaque para educação parental.

Notícia completa: [Family Talks e organizações da sociedade civil discutem sobre o bem-estar das famílias com prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes](#)

Ampliamos a nossa **rede internacional** de cidades que apoiam políticas pelas famílias

- Três municípios brasileiros assinaram a Declaração de Veneza e passaram a fazer parte da rede internacional
- [Barueri \(SP\)](#)
- [São Carlos \(SP\)](#)
- [Rio Grande \(RS\)](#)

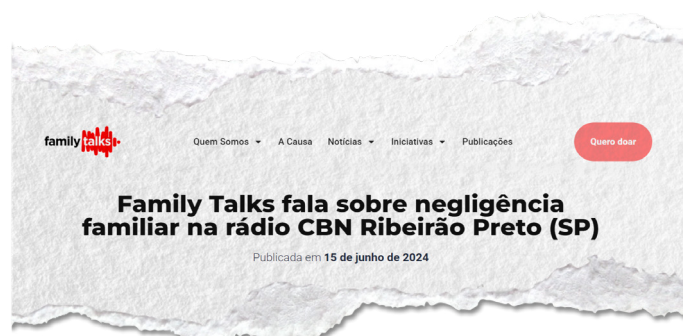
Participamos de **eventos e seminários municipais para conscientizar políticos e líderes** locais sobre a importância das famílias:

- [Family Talks discute cuidado em família no Rio2C, maior evento de criatividade da América Latina](#)
- [Family Talks torna-se membro consultivo do Fórum Distrital das Famílias \(DF\)](#)
- [Family Talks participa de seminário internacional sobre família e políticas públicas em Osasco](#)

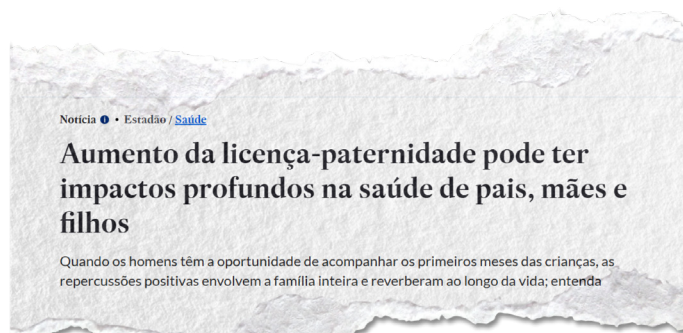


Opinião pública

Ganhamos espaço na imprensa nacional falando sobre crise do cuidado e a importância do apoio às famílias:



[- Ver na íntegra](#)



[- Ver na íntegra](#)



[- Ver na íntegra](#)

Participamos de eventos com empresários para conscientizar sobre a importância do cuidado com as famílias.

Family Talks palestra para empresários de Goiânia sobre o tema de família

Publicada em 25 de setembro de 2024

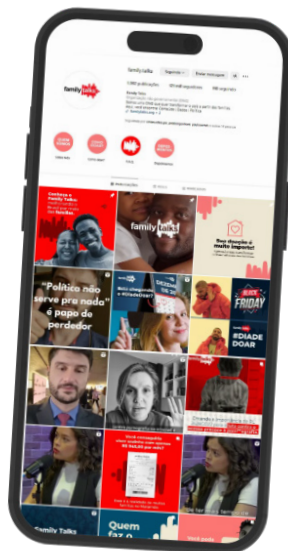


Family Talks participa da Amcham em Fortaleza voltado para público empresarial - [Veja](#)



Family Talks palestra no Sistema Fibra sobre apoio às famílias nas empresas - [Veja](#)

Falamos sobre parentalidade, vida digital, proteção à infância, envelhecimento e vida em família para mais de 1 milhão de pessoas nas redes sociais.



Para ver os resultados do nosso trabalho na íntegra, acesse:

familytalks.org/noticias.

Essa causa de fortalecimento das famílias está apenas começando no Brasil. E você pode fazer parte dessa construção!

Contamos com seu apoio para fazer ainda mais em 2025.

family talks

family talks 